



Universidad
Europea
del Atlántico

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

**O QUE APRENDE QUEM ENSINA? UMA ANÁLISE DO CURSO DE
EXTENSÃO “A ATUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES”, OFERECIDO PELA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ**

Dissertação para a obtenção do grau de:

Mestrado em Educação

Apresentado por:

Katia Regina das Chagas Moura

BRFPMME3190144

Orientador:

Michelle Borges

Rio de Janeiro, Brasil

15 de março de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais: Solange Augusta das Chagas Moura e Ademir Vianna Moura (in memoriam). Em especial, aos meus filhos, Júlia Regina e João Pedro razões da minha existência. Dedico também a minha neta Callie Naomi, luz que ilumina minha vida como raio de sol, deixando-me cheia de esperanças quanto ao futuro e que me remete ao fragmento da canção de Caetano Veloso, Luz do Sol.

“Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde de novo
Em folha, em graça, em vida em força, em luz...”

AGRADECIMENTOS

Várias foram as pessoas que contribuíram para que este estudo fosse concretizado, as quais venho destacar e fazer um reconhecimento:

À professora doutora Michelle Borges pela orientação ao longo do processo.

Aos meus colegas do Curso de Mestrado. Um grupo onde todos se ajudaram trocando ideias e experiências.

À minha amiga de longa data, Jaqueline Luzia da Silva, pelo apoio e motivação durante todo o curso.

À minha colega de trabalho Izabel, que assim como eu caminha nessa estrada buscando o aprimoramento através do mestrado. Desabafamos e nos motivamos juntas.

Aos meus parentes que souberam entender minhas ausências nas reuniões de família.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial a Deus, por estar sempre presente em minha vida, me possibilitando cada conquista!

A todos, o meu carinho eterno!

COMPROMISSO DO AUTOR

Eu, Katia Regina das Chagas Moura, declaro que:

O conteúdo deste documento é um reflexo do meu trabalho pessoal e declaro que ante qualquer notificação de plágio, cópia ou falta à fonte original, sou diretamente responsável legal, econômico e administrativo sem afetar o orientador do trabalho, a Universidade e quantas instituições colaboraram no referido trabalho, assumindo as consequências derivadas de tais práticas.



Assinatura: _____

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2021

Direção Acadêmica

Pelo presente documento autorizo a publicação eletrônica da versão aprovada do meu Projeto Final sob o título “ O que aprende quem ensina? Uma análise do curso de Extensão “A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades”, oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ no campus virtual e em outros espaços eletrônicos de divulgação desta Instituição.

Informo os dados para a descrição do trabalho:

Título	“O que aprende quem ensina? Uma análise do curso de Extensão”. A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades”, oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Autor	Katia Regina das Chagas Moura
Resumo	A importância da formação inicial e continuada, objetivando uma elevação do nível de qualidade da educação, para educadores e simpatizantes da EJA tomando como referência o Curso de Extensão: A atualidade da alfabetização de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades, oferecido pela Faculdade de Educação da UERJ
Programa	Mestrado em Educação, Formação de Professores
Palavras-chaves	Formação Inicial e continuada – Educadores e Educandos da EJA - Alfabetização
Contato	chagaskatia@yahoo.com.br

Atenciosamente,



Assinatura: _____

RESUMO

No contexto da sociedade atual, há um consenso sobre o papel preponderante que os educadores são convocados a desempenhar, na construção de um novo paradigma educacional. Essa nova forma de compreender a educação exige desses educadores processos de mudanças, na formação inicial e continuada, objetivando uma elevação do nível de qualidade da educação. Assim sendo, torna-se necessário que os educadores compreendam os fenômenos que mediam o processo ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos. Tomando como referência o Curso de Extensão: A atualidade da alfabetização de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades, oferecido pela Faculdade de Educação da UERJ, estabelecemos articulação entre teoria e prática, desvendando possibilidades de inovações para o trabalho docente com os alfabetizandos da EJA. Nesta ótica, o suporte teórico defendido por Soares (2019), Senna (2012), Silva (2009), Cid (2020), entre outros, permitiu identificar a necessidade de redimensionamento, nas concepções e práticas desses sujeitos. Todavia, para alcançá-las, a formação tanto a inicial quanto a continuada deve assumir o formato de estudos sistemáticos e coletivos, para distanciar-se da mera aplicação de técnicas e reprodução mecânica de saberes. Numa investigação conforme a que realizamos, em que se pretende compreender se ocorreram mudanças significativas na prática pedagógica dos que participaram do curso de extensão, pareceu-nos adequado optar pelo paradigma interpretativo (estudo de caso) e qualitativo. No nosso estudo procedemos à realização de entrevistas, aos cursistas com o intuito de caracterizar seus pontos de vista sobre o alcance do curso nos seus saberes e fazeres. Complementando o processo, realizamos a análise documental das atividades propostas aos cursistas como complementação de carga horária, além da análise da avaliação do curso feita por eles. Conclui-se que os cursistas percebem a importância da formação para a mudança de concepções e práticas. Contudo, é necessária uma formação, que potencie não apenas a qualidade dos cursos, mas igualmente o desenvolvimento de educadores e educandos.

Palavras-chave

Formação Inicial e continuada – Educadores e Educandos da EJA - Alfabetização

ABSTRACT

In the context of today's society, there is a consensus on the predominant role that educators are called upon to play in the construction of a new educational paradigm. This new way of understanding education requires from these educators processes of change, in initial and continuing education, aiming at raising the level of quality in education. Therefore, it is necessary for educators to understand the phenomena that mediate the teaching-learning process in the education of young people and adults. Taking as a reference the Extension Course: The contemporary literacy of Youth and Adults: challenges and possibilities, offered by the Faculty of Education of UERJ, we established an articulation between theory and practice, unveiling possibilities for innovations for teaching work with EJA literacy students. In this light, the theoretical support defended by Soares (2019), Senna (2012), Silva (2009), Cid (2020), among others, allowed to identify the need for resizing, in the concepts and practices of these subjects. However, to achieve them, both initial and continuing education must take the form of systematic and collective studies, to distance themselves from the mere application of techniques and mechanical reproduction of knowledge. In an investigation according to the one we carried out, in which it is intended to understand if there were significant changes in the pedagogical practice of those who participated in the extension course, it seemed appropriate to choose the interpretive (case study) and qualitative paradigm. In our study, we conducted interviews with course participants in order to characterize their views on the scope of the course in their knowledge and practices. Complementing the process, we carried out a documentary analysis of the activities proposed to the students as a complement to the workload, in addition to the analysis of the course evaluation made by them. It is concluded that the courses perceive the importance of training for changing concepts and practices. However, training is needed, which enhances not only the quality courses, but also the development of educators and students.

Keywords

Initial and continuing training - EJA Educators and Students - Literacy

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO	22
1.1 Questões legais: Entendendo a Educação de Jovens e Adultos, Normativas e Perspectivas Legais	22
1.2 Compreendendo o processo de letramento e alfabetização na EJA	29
1.2.1 Por que aprendemos a ler	29
1.2.2 Alfabetização e Letramento.....	30
1.2.3 A importância da afetividade	34
1.3 Desafios e possibilidades presentes na formação do educador da EJA.....	38
1.3.1 A formação inicial	38
1.3.2 Formação continuada	45
1.3.3 Material didático	46
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	49
2.1 Enfoque metodológico.....	51
2.2 Tipo de pesquisa	51
2.3 Descrição do contexto, dos participantes ou população e o período em que a pesquisa foi realizada	53
2.4 Estudo.....	54
2.4.1 Coleta de dados	54
2.4.2 Métodos e análise de dados	58
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
CONCLUSÕES	90
REFERÊNCIAS	95

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1 - Classificação quanto ao gênero dos cursistas	62
Figura 3.2 - Dados do INEP quanto as matrículas nos cursos de graduação.....	64
Figura 3.3 - Dados do INEP sobre a paridade de Gênero na Educação Superior.....	64
Figura 3.4 - Gráfico sobre a formação docente dos cursistas.....	65
Figura 3.5 - Trecho do autorretrato que trata da formação.....	67
Figura 3.6 - Trecho do autorretrato que trata sobre a formação do desejo de continuar os estudos	68
Figura 3.7 - Trecho do autorretrato sobre o porquê da escolha da graduação em Pedagogia.....	68
Figura 3.8 -Análise das contribuições do Curso de Extensão para a formação pessoal	69
Figura 3.9 - Trecho sobre o resgate do processo de alfabetização vivido pela cursista.....	70
Figura 3.10 -Trecho sobre o resgate do processo de alfabetização contrapondo com a prática pedagógica do cursista	71
Figura 3.11 - Trecho sobre a análise da prática vivenciada pela cursista.....	72
Figura 3.12 -Trecho sobre a análise da escrita EJA	73
Figura 3.13 - As contribuições do curso de extensão para a prática pedagógica.....	74
Figura 3.14 - Contribuições do curso de extensão para formação pessoal ..	75
Figura 3.15 - Dados do INEP sobre as vagas oferecidas para o ingresso na graduação	76

Figura 3.16 -Dados do INEP sobre as vagas ofertadas e as vagas ociosas na graduação	77
Figura 3.17 - Avaliação dos temas trabalhados durante o curso de extensão.....	78
Figura 3.18 - Continuidade dos estudos sobre a EJA.....	80
Figura 3.19 - Censo da educação Superior.....	81
Figura 3.20 - Recomendação do curso as outras pessoas.....	83
Figura 3.21 - Análise dos pontos positivos do curso - Cursista A.....	84
Figura 3.22 - Análise dos pontos positivos do curso - Cursista B.....	84
Figura 3.23 - Análise dos pontos positivos do curso - Cursista C.....	85
Figura 3.24 - Análise dos pontos positivos do curso - Cursista D.....	85
Figura 3.25 - Pontos negativos e sugestões - Cursista E.....	86
Figura 3.26 - Pontos negativos e sugestões - Cursista F.....	86
Figura 3.27 - Pontos negativos e sugestões - Cursista G	87

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Questionário da pesquisa	99
Anexo 2: Formulário de avaliação final do Curso de Extensão.....	106
Anexo 3: Atividades domiciliares.....	107

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou encontrar, através do retorno dado por alguns participantes do Curso de Extensão, que gentilmente se dispuseram a participar da pesquisa, dados para a análise, com vistas à revisitação da proposta estrutural do Curso de Extensão: “A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades”, oferecido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em outras possíveis edições.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a análise de outros cursos de extensão, com o mesmo teor do curso pesquisado, oferecidos pela UERJ, na CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e não foi encontrado nenhum artigo com esse tipo de pesquisa.

Encontramos várias pesquisas sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos), seus sujeitos, questões relativas a gênero, sexualidade e envelhecimento, assim como aspectos relacionados à formação de educadores, mas nenhum que tenha tratado especificamente do Curso de Extensão em questão; sendo esta pesquisa a primeira nesse formato e a tratar dessa temática.

Apesar de algumas pessoas ainda acreditarem que a aprendizagem ocorre apenas na fase escolar verificamos que não acontece desta forma para muitos, principalmente os jovens e adultos que tiveram seus direitos a educação na “etapa correta”, negados.

Hoje, já é possível encontramos muitos estudos afirmando que a aprendizagem se dá desde que nascemos e está relacionada aos nossos interesses, grupos etários, fases da nossa vida, além de estar em comunhão com a motivação que o sujeito apresenta com a própria aprendizagem.

Na Educação de Jovens e Adultos encontramos as especificidades de uma modalidade de ensino voltada para um grupo que vem crescendo ao longo dos anos. Não há uma idade própria, nem um tempo próprio para aprender. Há várias possibilidades de aprendizagem que podem acontecer ao longo da nossa vida.

A aprendizagem ao longo da vida além de ter uma marca própria, tem sua definição em uma das funções da EJA tratadas no Parecer CEB¹ 11/2000. Este documento regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA e nos apresenta suas três funções, destacando a função qualificadora como aquela ligada às aprendizagens contínuas.

Segundo o Parecer (2000) “é a função que corresponde às necessidades de atualização e de aprendizagem contínuas, próprias da era em que nos encontramos. Diz respeito ao processo permanente de “educação ao longo da vida”.

Nesse contexto, a Alfabetização merece um destaque especial, juntamente com a formação dos educadores que necessitam se identificar com as especificidades da modalidade para um resultado positivo.

Entender como se dá esse processo de alfabetização, seus principais entraves e necessidades nos levam a pensar nas formações em serviço. Além disso, a possibilidade de oferecimento da formação inicial aos estudantes da graduação e licenciaturas, interessados pela área é de extrema importância.

Utilizaremos o termo “educador” ao longo do trabalho tendo como justificativa o que nos apresenta Alves. R (2000), em seu livro: “Conversas com quem gosta de ensinar”. O autor destaca a diferença entre um educador e um professor de uma forma bem simples: professor é profissão e educador é vocação.

A vocação, que é a marca apaixonada de quem ensina, vai muito além dos muros institucionais. É um lugar, um mundo, onde as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos.

No livro o autor compara o professor a uma árvore que cresce rápido, para um fim comercial e é derrubada com muita facilidade. Ele é o profissional burocratizado, enquanto o professor-educador é identificado com a árvore resistente, que demora a crescer, mas, é árvore que tem raiz e faz diferença.

Seguindo essa linha de pensamento, professor seria “apenas” uma profissão, algo que se pode aprender a ser com uma série de cursos e treinamentos. Educador, por outro lado, é aquele vocacionado e apaixonado pelo que faz.

¹ O Parecer foi aprovado pela Câmara de Educação Básica em maio de 2000 e apresenta os aspectos da escolarização dos jovens e adultos da EJA.

De posse das justificativas apresentadas entraremos nos aspectos teóricos que serviram de base para analisarmos o tema central da pesquisa.

No primeiro tópico apresentaremos a EJA, suas especificidades, quem são seus sujeitos, porque é uma modalidade de ensino, além das contribuições legais.

No segundo tópico veremos o processo de alfabetização/letramento no qual nossos jovens e adultos estão inseridos e quais são os seus principais desafios.

Logo após, no terceiro tópico, abordaremos os processos de formação inicial e continuada envolvendo o educador da EJA e a importância da afetividade neste percurso.

Apresentaremos também uma análise sobre a avaliação das três últimas edições do Curso de Extensão oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, aos educadores alfabetizadores da EJA e aos estudantes da graduação e licenciaturas participantes do Curso.

Os interessados foram convidados a participarem de uma das três edições do Curso buscando o entendimento e o aprimoramento no trabalho com a alfabetização de jovens e adultos, objeto deste estudo, no território do estado do Rio de Janeiro.

Por fim através das contribuições desta análise veremos possíveis subsídios que poderão ser tratados junto aos organizadores do Curso de Extensão e à direção acadêmica da UERJ, universidade responsável pelo Curso. Essa análise poderá contribuir para as novas edições do Curso e até mesmo para o aproveitamento do mesmo numa futura especialização na área.

Justificativa da investigação

Um dos grandes desafios da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) está na alfabetização de pessoas oriundas de diferentes lugares, trazendo diferentes experiências de vida e com objetivos diversos. Encontramos essas pessoas agrupadas em espaços e em horários que para muitos são inadequados.

Esses educandos tiveram o acesso aos direitos sociais necessários à qualidade de vida decente e ao exercício pleno da cidadania negado. Para enfrentar esse e outros

desafios é fundamental voltarmos o olhar para a formação, tanto a inicial, quanto a continuada, dos seus agentes.

Esta formação, segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), deve ser um compromisso dos sistemas de ensino com sua qualidade. Nessa perspectiva, deve assegurar que esses profissionais estejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características dos educandos da EJA.

Pensando numa formação que pudesse atender a essa demanda, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Campus Maracanã, através da Faculdade de Educação ofereceu desde 2016 cursos de extensão universitária, buscando tratar de questões específicas da EJA.

Nos anos de 2018 e 2019, o Curso de Extensão: A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades foi oferecido em três edições, para um público ampliado e em horário diurno, possibilitando a participação dos estudantes da graduação e das licenciaturas. Nossa pesquisa se fundamenta nesse período.²

O Projeto de Extensão encontra-se na Faculdade de Educação – UERJ. Ele está vinculado ao Sistema de Extensão e submete-se ao Departamento de Extensão, que conduz a abertura de cursos e promoção de eventos no âmbito do Projeto; certifica os participantes ao final das etapas e concede bolsas de extensão para estudantes da Pedagogia atuarem no mesmo.

Este Projeto de Extensão compõe a área da EJA representado por sua coordenadora, no interior do Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada (DEIC). Outras professoras do departamento e de outros departamentos da Faculdade de Educação também atuaram no Projeto. Em sua maioria, professores da área da EJA.

O Curso foi oferecido em três edições, nos anos de 2018 e 2019, com encontros quinzenais ofertados aos educadores da EJA e aos estudantes da UERJ e de outras faculdades/universidades interessados na temática (alunos da Pedagogia e demais licenciaturas).

² Nos anos anteriores a Faculdade de Educação da UERJ em parceria com a Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ ofereceu o Curso de Extensão exclusivamente aos educadores da EJA, no horário dos Centros de Estudos.

Foram seis encontros, por turma, com carga horária de quatro horas cada, correspondendo a um total de vinte e quatro horas presenciais, além de seis horas de atividades não presenciais, totalizando trinta horas ao final.

Os cursistas que cumpriram a carga horária mínima exigida no curso (setenta e cinco por cento) receberam o certificado de participação emitido pela universidade.

O curso abordou em suas três versões, as principais temáticas:

- 1- Educação de Jovens e Adultos: contribuições para a alfabetização
- 2- Questões atuais na Alfabetização de Jovens e Adultos
- 3- A formação de leitores e escritores na EJA
- 4- A aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos
- 5- Leitura e escrita na EJA: práticas, reflexões e desafios de uma alfabetizadora
- 6- Alfabetização e Letramento em tempos de golpe

Os temas escolhidos serviram para que os participantes do Curso pudessem fazer uma análise da cultura, dos domínios de conhecimentos dos alunos da EJA e suas diferentes necessidades demandadas nos seus distintos processos de alfabetização.

Com essas referências os participantes foram motivados a se engajarem em processos coletivos da aprendizagem colaborativa, a criarem ou adaptarem conteúdos, além de preverem formas de avaliar os alunos para que as informações recebidas servissem para retroalimentar o planejamento e aprimorar o trabalho.

Entendendo a EJA como um espaço que promove a emancipação do educando, cabe uma reflexão sobre as contribuições de Loureiro (2007, p. 194) quando afirma que:

[...] há emancipação quando agimos para superar e superamos: (1) relações paternalistas e assistencialistas que reproduzem a miséria (intelectual e econômica); (2) uma educação que impede a capacidade crítica de pensar e intervir de educadores-educandos; (3) a apropriação privada do conhecimento científico; (4) práticas políticas que viciam a democracia e sufocam o desejo da participação, garantindo o privilégio de oligarquias que se constituíram com a lógica colonial que instaurou o Brasil; (5) relações de classe que condenam milhões a uma condição indigna, de precariedade na luta pela sobrevivência, por força dos interesses do mercado e seus agentes, “coisificando” a vida.

O conceito proposto ressalta que não é tarefa simples manter a coerência entre uma proposta de educação emancipatória com o exercício do magistério. Gadotti e Romão (2005, p. 82) ampliam a reflexão ao afirmarem que:

Um exemplo clássico pode ser encontrado no fato de que 90% dos educadores brasileiros, provavelmente por influência de Paulo Freire, dizem em seu discurso que o educando é sujeito no processo educacional. E, no entanto, quase todos que dizem isto têm uma prática educativa na qual tratam os educandos como objetos do processo.

Uma política pública de formação séria pode contribuir de forma efetiva para que o educador da EJA consiga realizar um trabalho que esteja em consonância com as condições econômicas, sociais, políticas e culturais de seus educandos.

Além disso, para alfabetizá-los nesta modalidade e seguindo a lógica emancipatória, é preciso conhecer e entender profundamente a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou aquisição de novos conhecimentos tem sentido.

Por se tratar de uma modalidade de ensino com muitas especificidades é importante repensar a prática conteudista, que muitas vezes é vista como uma prática de repetição. Esta deve ser substituída pela construção do consenso e da cooperação entre os pares.

Cabe ao educador da EJA, ao trabalhar com o consenso e a cooperação, buscar seu próprio projeto de vida e motivar seus educandos a fazê-lo também. Neste contexto a formação inicial e a formação continuada podem contribuir muito.

Outro ponto importante e que deve ser considerado nesta pesquisa são as proposições presentes no Plano Nacional de Educação (PNE).

Analisar os resultados de uma formação acadêmica, oferecida por uma universidade pública aos alfabetizadores da EJA e tratar os seus resultados coaduna com o que está estabelecido no PNE aprovado em 2014, que estabelece diretrizes, metas e estratégias que devem reger as iniciativas na área da educação brasileira.

Neste Plano, nas metas 12 a 16 observamos a garantia, em regime de colaboração com a União e os Estados, da formação dos profissionais da educação, possibilitando a formação inicial superior, além do oferecimento de cursos de especialização.

Para se ter um retorno da influência causada pelo curso, nas práticas pedagógicas dos cursistas realizamos a análise das fichas avaliativas preenchidas por eles ao término de cada edição do curso, além da análise das respostas fornecidas

através de um questionário enviado, online, para que os interessados em participar da pesquisa, pudessem preenchê-lo.

Ainda não se tem dados de estudos realizados por pessoas externas à Universidade (UERJ), sobre o Curso de Extensão oferecido. Essa pesquisa será a primeira neste formato e a parceria com a academia no processo de formação pode ser um grande diferencial.

A proposta deste projeto de pesquisa se encaixa no Programa de Formação de Professores, Linha de Pesquisa – Aprendizagem Colaborativa; pois se propõem a fazer uma análise do alcance do Curso de Extensão oferecido pela Faculdade de Educação da UERJ, na formação do alfabetizador da EJA.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com os cursistas que se dispuseram a responder o questionário e apresentaram os trabalhos de complementação de carga horária para certificação, realizando um estudo de caso e oferecendo esse feedback à Universidade.

Problema

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Campus Maracanã, tem promovido, nos últimos anos, por meio da Faculdade de Educação; Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada; área de Educação de Jovens e Adultos, ações de formação inicial e continuada aos educadores da EJA e alunos das diferentes licenciaturas e da pedagogia.

Essas formações têm objetivado, principalmente, o debate sobre as práticas voltadas às reais necessidades dos educandos da EJA, no âmbito da alfabetização.

Após pesquisas no banco de dados da UERJ e na CAPES verificou-se que a Universidade Estadual do Rio de Janeiro não tem nenhum trabalho de pesquisa sobre como as formações oferecidas nessa área têm contribuído com os fazeres e saberes dos docentes da EJA ou dos interessados em nela atuar.

É importante conhecer e perceber os aspectos que limitam e condicionam esta formação. Se as carências em termos de subsídios foram tratadas; se a formação tem

sido concretizada através da mudança de paradigmas dos cursistas sobre o tema e se estes utilizam os materiais e textos apresentados e/ou elaborados durante e após a formação como apoio as atividades.

Isso nos leva a questionar: Como as formações iniciais e continuadas promovidas pela Faculdade de Educação, através do Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada - área de Educação de Jovens e Adultos da UERJ, que oferece o Curso de Extensão em EJA, tem colaborado para os saberes e fazeres dos docentes e futuros docentes da modalidade?

Esperamos, com a concretização desta dissertação, contribuir no sentido de compreender esta realidade.

Perguntas de investigação

Pergunta 1: Os cursistas têm a intenção de continuar seus estudos sobre os assuntos e temas abordados na formação em questão, buscando o aprimoramento na área?

Pergunta 2: Ocorreram mudanças na visão dos cursistas com relação aos seus saberes e fazeres relacionados a modalidade EJA?

Objetivo geral

Analisar se a formação inicial e continuada promovida pela Faculdade de Educação da UERJ através do Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada - área de Educação de Jovens e Adultos, através do Curso de Extensão: A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades têm colaborado para os saberes e fazeres docentes na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Objetivos específicos

Investigar se os cursistas demonstraram o interesse por continuar os estudos ligados a temática Alfabetização de Jovens e Adultos

Examinar se houve mudanças nos saberes e fazeres dos cursistas.

Principais aspectos teóricos

Antes de falarmos sobre as concepções de alfabetização e letramento na EJA e a formação do profissional para atuar na área, é preciso compreender esta modalidade.

Neste trabalho teremos contato com as questões legais da Educação de Jovens e Adultos, apresentadas pelo professor Leôncio Soares (2002), em seu livro “Educação de Jovens e Adultos”.

Ele nos apresenta uma análise do Parecer 11/ 2000, aprovado pela Câmara de Educação Básica – CEB - e nos auxilia na compreensão dos aspectos de escolarização dos jovens e adultos sujeitos da EJA, bem como a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na modalidade.

Complementando essa parte legal faremos uma análise das Metas 12 a 16 do Plano Nacional de Educação (2014), que tratam da formação dos profissionais de Educação.

Outro aspecto importante a ser estudado é como a alfabetização e o letramento são trabalhados na modalidade EJA. Teremos contato com algumas contribuições da professora Magda Soares (2019) abordando a importância de se dar sentido à leitura.

Veremos também como o professor Luiz Antonio Senna (2012), em sua obra “Letramento princípios e procesos” trata dos estudos sobre os procesos educacionais e a cultura do letramento e sobre o conceito e o processo de letramento.

Outra autora que trará contribuições para a reflexão sobre letramento é a professora Jaqueline Luzia da Silva (2009) em seu livro “Letramento – Uma prática em busca da re (leitura) do mundo.

Ainda sobre a alfabetização contaremos com reflexões trazidas pela professora Paula Cid (2020) em seu artigo “A Alfabetização de Jovens e Adultos: Princípio didático do trabalho Pedagógico”, que nos traz a reflexão sobre a importância da tomada de consciência, no processo de alfabetização, por parte de quem aprende e de quem ensina.

A necessidade da construção de espaços educativos diferentes, de diálogo e respeito pela experiência de vida dos jovens e adultos, sem, contudo, reduzir exigências de leitura e escrita, de sistematização de saberes, de questões disciplinares conforme os educandos esperam, também será vista no trabalho organizado pela professora Jaqueline Moll (2011), em seu livro “Educação de Jovens e Adultos”.

Um ponto importante que merece ser tratado é a afetividade no processo de alfabetização. O professor Sérgio Antônio Leite (2013), no livro por ele organizado e intitulado “Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos EJA”, nos aponta como o processo de alfabetização de jovens e adultos deve ser direcionado às práticas sociais de leitura e escrita relevantes para o público alvo da EJA.

Revisitaremos algumas contribuições trazidas por pesquisadores e educadores, do Brasil e da América Latina, que se reuniram no III Seminário Nacional de Formação de Educadores da EJA, em 2011.

O objetivo principal do Seminário foi apresentar diferentes experiências no campo da formação docente. Os participantes puderam relatar suas experiências e traçar novos desafios e possibilidades, visando à transformação da prática pedagógica e, por conseguinte, da prática social, buscando instituir uma sociedade menos desigual e mais humana.

As contribuições das professoras Ventura e Bomfim sobre a formação docente nas licenciaturas somam-se as inferências trazidas pelos demais pesquisadores (Moll, Serra, Senna, Paixão e Cruz) que tratam sobre a formação inicial e continuada dos docentes da EJA.

Finalizando e complementando a parte da formação inicial e continuada, trazemos algumas considerações do professor Serra, quanto ao material didático e a seleção dos conteúdos a serem trabalhados na EJA.

Metodologia

Ao pretender concretizar uma determinada investigação tem que se estabelecer um ponto de partida, levantar algumas questões e definir os respectivos objetivos. Em seguida há que selecionar o caminho a seguir definindo os procedimentos metodológicos.

Neste ponto estabelecemos os procedimentos e instrumentos a serem utilizados na coleta das informações. Estes devem estar diretamente ligados ao paradigma da investigação, à temática, ao problema, às questões de investigação, à seleção da amostra ou do grupo de participantes e à natureza qualitativa do estudo.

Para cada paradigma encontramos uma forma de entender a realidade e encarar os problemas educativos, conforme Coutinho (2000), e a evolução processa-se quando surgem novas formas de equacionar as questões impulsionando a que os paradigmas fluam e entrem em conflito na busca de novas soluções para os problemas de ensino aprendizagem.

Numa investigação conforme a que iremos realizar, em que se pretende compreender se ocorreram mudanças significativas na prática pedagógica dos que participaram do curso de extensão, parece-nos adequado optar pelo paradigma interpretativo (estudo de caso) e qualitativo.

No nosso estudo procederemos à realização de entrevistas, aos cursistas com o intuito de caracterizar seus pontos de vista sobre o alcance do curso nos seus saberes e fazeres.

Complementando o processo, será feita a análise documental das atividades propostas aos cursistas como complementação de carga horária, além da análise da avaliação do curso feita por eles.

Os diferentes documentos permitirão a triangulação de modo a estabelecer a correspondência entre os resultados encontrados, para assim, obter conclusões confiáveis e significativas.

Na sequência do exposto achamos pertinente optar por um estudo de caso, que de acordo com Gomez, Flores & Jimenez (1996) e Punch (1998), é caracterizado por ser intenso e profundo, de um só sujeito, pequeno grupo ou situação.

No quadro I encontram-se, de forma resumida, os procedimentos metodológicos implementados.

Quadro I
Procedimentos Metodológicos

Problema da pesquisa	Questões da pesquisa	Objetivos da pesquisa	Coleta de dados	Análise dos dados
Como as formações iniciais e continuadas promovidas pela Faculdade de Educação, através do Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e	Os cursistas têm a intenção de continuar seus estudos sobre os assuntos e temas abordados na formação em questão, buscando o aprimoramento na área?	Investigar se os cursistas demonstraram o interesse por continuar os estudos ligados a temática Alfabetização de Jovens e Adultos.	Entrevistas semi-diretivas com os cursistas participantes	Análise de conteúdo
Continuada - área de Educação de Jovens e Adultos da UERJ tem colaborado	Ocorreram mudanças na visão dos cursistas com relação aos seus saberes e fazeres	Examinar se houve mudanças nos saberes e fazeres dos cursistas.	Análise documental	Análise de conteúdo

para os saberes e fazeres dos docentes e futuros docentes da EJA?	relacionados a modalidade EJA?			
---	--------------------------------------	--	--	--

Este estudo, pelas suas características, apresenta algumas limitações que estão diretamente associadas ao fato de se ter um estudo de caso que tenta compreender uma realidade muito específica, o que não permite proceder a generalizações.

Contudo, esperamos que os resultados obtidos sejam significativos, que possam induzir uma melhoria na proposta de novos cursos de extensão na área da EJA, além da ampliação da qualidade de ensino.

No desenvolvimeto da investigação foi salvaguardada a privacidade dos cursistas tendo sido dada a possibilidade de opção em participar. Assiste-lhes o direito de privacidade e de confidencialidade, bem como o anonimato.

Em todas as investigações, segundo Tuckman (2005), há que se ponderar muito bem o equilíbrio entre os benefícios sociais e o respeito pelos valores dos sujeitos participantes de modo a que seja mantida a ética e o profissionalismo.

CAPÍTULO 1: MARCO TEÓRICO

Este capítulo apresenta estudos sobre a alfabetização e letramento, as bases legais da Educação de Jovens e Adultos – EJA, e reflexões importantes a cerca da formação inicial e continuada para o educador da EJA.

O mesmo foi escrito após análise de alguns materiais e pesquisas que tratam do assunto. No campo da pesquisa, ainda encontramos poucos dados que possam contribuir com a pesquisa em questão.

1.1. Questões legais: Entendendo a Educação de Jovens e Adultos, normativas e perspectiva legais

Este subcapítulo trata da Educação de Jovens e Adultos entendida como uma modalidade de ensino e como tal deve ter as suas especificidades respeitadas e trabalhadas em todos os âmbitos educacionais e legais. No caso da EJA, a legislação vigente defende e legitima a modalidade tanto quanto o ensino regular.

A classificação modalidade de ensino está presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sendo determinadas formas de educação que podem localizar-se nos diferentes níveis da educação escolar (educação básica e educação superior).

As modalidades de ensino, segundo a LDBEN são: Educação de Jovens e Adultos, a Educação Profissional e a Educação Especial. Neste enfoque, a educação de jovens e adultos pode ser ofertada como ensino fundamental ou médio.

Mas nem sempre a educação para jovens e adultos foi encarada como modalidade de ensino. Num breve resgate histórico vemos que até 1996 os jovens e adultos que não tinham concluído seus estudos, na idade adequada, tinham a opção do Ensino Supletivo, que estabelecia um ensino aligeirado à esse público.

Segundo a LDB 5692/71, cap. IV – Art. 24, as pessoas que não haviam concluído seus estudos na “idade certa” deveriam se matricular no Ensino Supletivo.

CAPÍTULO IV

Do Ensino Supletivo

Art. 24. O ensino supletivo terá por finalidade:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

Parágrafo único. O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas de acordo com as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

O artigo citado faz referência ao ensino Supletivo na perspectiva de se oferecer ao educando, o que não foi visto por ele anteriormente, de forma suprimida sem se levar em conta as suas reais necessidades.

A LDB 5692/71 nos deu as determinações para o Ensino Supletivo e em 1972 tivemos as Doutrinas para o Ensino Supletivo, contidas no Parecer 699/72. Estas estabeleciam que os exames supletivos passariam a ser organizados de forma centralizada pelos governos estaduais. Já os cursos seriam organizados e regulamentados pelos Conselhos de Educação.

Este parecer foi elaborado para dar fundamentação ao que seria a doutrina de Ensino Superior. Ele detalharia os principais aspectos da LDB 5692/71, no que se refere ao ensino supletivo, facilitando e orientando sua execução.

Somente em 1996, com a reformulação da LDB, onde o termo modalidade é citado, que se passou a pensar numa educação de direito e de qualidade para esse público. A LDBEN já reformulada trouxe como princípios norteadores a igualdade, liberdade e inclusão dos alunos, para que tenhamos uma educação plural e universal.

A nova LDBEN preconiza que a educação deve ser um meio de transformação social, formando cidadãos justos, conscientes e que valorizam e respeitam as diferenças.

SEÇÃO V

Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2o O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

A LDBEN/96 aponta a EJA como a modalidade que atenderá às demandas de seus educandos, observando-se o que é essencial para seu aprendizado, sem deixar de lado uma educação de qualidade e que possa oferecer-lhe novas perspectivas de vida.

Cabe ressaltar que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira encontramos os princípios gerais da educação. Essa lei se renova em períodos, cabendo à Câmara dos Deputados atualizá-la conforme o contexto em que se encontra nossa sociedade.

Outro documento que merece destaque ao se tratar da EJA são as Diretrizes Curriculares Nacionais para esta modalidade que foram concebidas no entendimento de que precisávamos de orientações específicas para a modalidade em questão.

Em 2000, após várias ações nas diferentes esferas governamentais, em Congressos e Seminários promovidos pelas Universidades e Fóruns Estaduais de EJA, criados para o debate sobre questões específicas da modalidade, foi aprovado na Câmara de Educação Básica, o texto que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, através do Parecer 11/2000.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, em seu Art. 17 encontramos as orientações para a formação inicial e continuada para o profissional que atende à modalidade.

Art. 17 – A formação inicial e continuada de profissionais para a Educação de Jovens e Adultos terá como referência as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental e para o ensino médio e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, apoiada em:

- I – ambiente institucional com organização adequada à proposta pedagógica;
- II – investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas;
- III – desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;
- IV – utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem.

Ou seja, nas Diretrizes Curriculares Nacionais, verificamos a necessidade da atenção especial, importante na prática educativa e na formação específica para o educador da EJA.

Completando essa parte normativa temos ainda o Plano Nacional de Educação (PNE), criado para o decênio 2014/2024, sancionado pelo Congresso Federal e instituído pela Lei nº 13.005/2014.

Conforme a lei, o PNE estabelece 20 metas a serem atingidas em 10 anos e tem por finalidade direcionar esforços e investimentos para a melhoria da qualidade da educação no país.

Tais ações foram pensadas de forma colaborativa entre todas as entidades da federação (União, Estados, Municípios e Distrito Federal), com o propósito de equalizar e desenvolver o ensino, especialmente em nível fundamental, mas, conseqüentemente, expandindo-se para ensinos profissionalizante e superior.

Todos os estados e municípios foram convidados a estruturarem seus planos específicos – mais conhecidos como Planos Subnacionais de Educação – mostrando como irão alcançar e atingir as metas previstas pelo PNE, considerando, o contexto e as necessidades locais.

O Artigo 13º da lei que instituiu o PNE indica que o Sistema Nacional de Educação – SNE - deveria ter sido criado até 2016. Porém, isso ainda não aconteceu. Os desafios da sobreposição de funções, por outro lado, persistem. Assim, a implementação do SNE continua sendo uma discussão relevante para o país, acumulando muitos anos de debate.

O SNE, previsto no Plano Nacional de Educação, supõe maior protagonismo da União, não apenas no que diz respeito ao financiamento, mas também nas atribuições relativas à construção de diretrizes e referenciais nacionais (curriculares, por exemplo), à assistência técnica, ao seu papel normativo de organização de sistemas de avaliação, entre outras – todas muito importantes para entendermos, na prática, o funcionamento do Sistema Nacional de Educação.

O PNE, sancionado em 2014, estabelece 10 diretrizes para melhorar a educação até o ano de 2024, listadas a seguir:

1. Erradicação do analfabetismo;
2. Universalização do atendimento escolar;
3. Superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da justiça social, da equidade e da não discriminação;
4. Melhoria da qualidade da educação;

5. Formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
6. Promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
7. Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país;
8. Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
9. Valorização dos profissionais da educação;
10. Promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Para atingir essas diretrizes foram definidas vinte metas que tratam da educação brasileira, nos âmbitos público e privado, desde o atendimento da creche aos pequenos até o ensino universitário, sem deixar de lado a educação inclusiva, a EJA, a formação inicial e continuada e a parte orçamentária. Nas Metas 12, 13, 14, 15 e 16 do PNE encontramos a necessidade da formação inicial e continuada, focando na importância da formação universitária, para os educadores.

META 12: Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público.

META 13: Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores.

META 14: Elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação de modo a atingir a titulação anual de 60.000 (sessenta mil) mestres e 25.000 (vinte e cinco mil) doutores.

META 15: Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

META 16: Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

De acordo com o relatório do 3º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação, versão atualizada em setembro de 2020, do INEP³, temos a seguinte análise para as Metas em destaque:

O acesso ao ensino superior de graduação apresentou crescimento, tanto da população em geral quanto dos jovens de 18 a 24 anos. Em 2019, a taxa bruta de matrículas (TBM) atingiu 37,4%, enquanto a taxa líquida de escolarização (TLE) registrou 25,5%. Entretanto, em ambos os casos, para o alcance da Meta 12 até 2024 (respectivamente, 50% e 33%), será necessário um crescimento maior entre 2019 e 2024 do que o que ocorreu entre 2012 e 2019. Como a participação do segmento público na expansão de matrículas de 2012 a 2018 foi de apenas 12,7% e a meta a ser atingida nesse indicador é de 40% até 2024, um maior esforço de expansão da educação superior deve ser mobilizado a partir do segmento público. A proporção de mestres e doutores em efetivo exercício na docência da educação superior, preconizada pela Meta 13, já foi atingida. O percentual de Mestres ou doutores, que deveria alcançar 75%, em 2024, registrou 81,3%, em 2018; enquanto o percentual de doutores atingiu 44,1%. No entanto, o Relatório aponta desigualdades de acordo com a localização territorial, as características das instituições e dos próprios docentes. Na pós-graduação stricto sensu, o Relatório demonstra que o Brasil já superou a meta de 60 mil títulos anuais de mestrado até 2024 (64,4 mil), traçada pelo PNE. Quanto aos cursos de doutorado, a marca de títulos anuais atingida foi de 22,9 mil, em 2018. Considerando que o objetivo do relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do plano nacional de educação | 2020 da Meta 14 a ser alcançado é de 25 mil títulos de doutorado por ano, até 2024, depreende-se que a capacidade atual do sistema de pós-graduação do País precisará ser ampliada, pelo menos no que se refere aos cursos de doutorado.

Ainda sobre o relatório do INEP, analisando a Meta 16 destacamos:

O Brasil também tem avançado na formação em nível de pós-graduação para professores. O Relatório mostra que 41% dos docentes são pós-graduados em programas lato ou stricto sensu, em 2019, contudo, em sua maioria, esses docentes obtêm títulos de especialização. Os indicadores da Meta 16 demonstram uma elevação da titulação docente desde 2013, particularmente nas redes públicas de ensino – nas redes estaduais, quase metade dos docentes são pós-graduados. Ao lado disso, também é crescente a participação de professores em cursos de formação continuada, que alcançam, no mesmo ano, 38% do corpo docente. Apesar dos avanços, mais esforços precisam ser envidados para que a totalidade dos docentes tenha pelo menos um curso de formação continuada.

Cada meta tem seus indicadores estabelecidos no PNE para os estados, Distrito Federal e municípios e estes seguem na tentativa de mobilização dos governantes para a importância de termos um Sistema Educacional e de buscarmos elevar cada vez mais os índices pré determinados nesses indicadores. Numa breve análise dos indicadores das Metas destacadas acima, vemos o quanto ainda precisamos melhorar nestas questões.

³O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC)

O indicador para a Meta 12 trata do índice de matrículas na graduação com um índice a ser alcançado até 2024. No Relatório de Avaliação do INEP verifica-se que apesar da taxa líquida de escolarização ter crescido, para o alcance de 33% da Meta será necessário o crescimento de 7,7 p.p. ou seja, crescimento de 1,5 p. p. ao ano.

Percebe-se que o grau de escolarização na graduação precisa avançar. O crescimento de matrículas no segmento público, que deveria ser de 40% representou 12,7% do crescimento total.

Segundo o indicador para a Meta 13, seu objetivo é ampliar o percentual de mestres e doutores no corpo docente da educação superior, o mesmo foi alcançado desde 2015.

A taxa prevista no PNE era de 75%, mas em 2018 já havíamos atingido o percentual de 81,3%.

O indicador para a Meta 14, que trata da elevação dos títulos de mestres e doutores, mostra que os índices estabelecidos para ambas titulações foram superados. O número de títulos de mestres em 2018 chegou a 74,4 mil. A meta estabelecida para até o final de 2024 é de 60 mil. O número de títulos de doutores emitidos chegou a 22,9 mil. A meta estabelecida, no PNE, para até o final de 2014 é de 21 mil novos títulos.

Apesar de termos superado esses índices houve uma redução na taxa de crescimento dos títulos entre os anos de 2017-2018.

O indicador para a Meta 15 trata da proporção de docências de professores com formação acadêmica a nível superior e na área de conhecimento em que estão atuando. A previsão de alcance deste indicador, na região metropolitana do Rio de Janeiro é de 100%, ao passo que segundo a base de dados de 2016 do INEP- relatório do 1º ciclo, só atingiu cerca 56,9%.

O indicador da Meta 16 aponta o percentual de professores da educação básica com especialização, ou mestrado e doutorado. A meta é de 50% para o município do Rio de Janeiro e, segundo a base de dados do INEP do relatório do 1º ciclo de 2016, atingimos cerca de 23%.⁴

⁴Cabe nesse estudo alertarmos para o monitoramento deste Plano, que deve ser feito por diferentes instâncias. Além disso, há a indicação da revisão do Plano a cada dois anos, pelo menos. O prazo do atual PNE finda em 2024. Isso significa que alguns dados estatísticos ainda poderão mudar. O percentual apresentado foi retirado do site oficial do MEC – PNE em

Apesar do Curso analisado nesta pesquisa ser a nível de extensão e ter sido oferecido no território do município do Rio de Janeiro, com os dados apontados acima podemos inferir na possibilidade dele se transformar em um curso de especialização, oferecido por uma universidade pública, de forma a atender o que está previsto nas legislações vigentes, incluindo o PNE.

1.2. Compreendendo o processo de letramento e alfabetização na EJA

1.2.1. Por que aprendemos a ler?

Vivemos numa sociedade letrada com uma infinidade de estímulos visuais e sonoros, além de possibilidades de leituras e escritas variadas. O educando da EJA faz parte deste contexto e busca sua sobrevivência nesse meio. Ele convive com variadas situações que no contexto escolar pode-se aproximar da alfabetização.

Mesmo antes de dominarem a escrita, as pessoas têm contato com o mundo das letras, pois têm necessidades e demandas do seu cotidiano, têm contato com diferentes tipos de textos, ouvem a leitura feita por alguém, ou simplesmente observam seu entorno.

O reconhecimento de um rótulo de produto utilizado em casa, de uma bebida que faz parte do seu cotidiano, do número do ônibus que costuma pegar para ir ao médico ou à escola são alguns exemplos vivenciados pelo educando no processo de alfabetização.

Paulo Freire já nos falava da “leitura do mundo” quando pensamos no quanto a leitura da palavra, do texto escrito pode nos ajudar na leitura maior. Para isso precisamos estar atentos à forma como vamos trabalhar esse processo de alfabetização.

Ler implica a aquisição de um conjunto de habilidades que podem ser aperfeiçoadas ao longo da vida. Ler se aprende lendo e não podemos aprender se não tivermos disponibilidade e entendermos a necessidade de tal ato. Portanto o ponto de partida para que um educando da EJA aprenda a ler, está na importância que ele dá à leitura.

Movimento, que é alimentado através dos dados do INEP. Nesta análise respeitou-se o termo “professor” presente no PNE.

A leitura vai além da decodificação, é uma atividade cognitiva, um processo em construção que exige operações mentais que demandam estratégias. Ela pode ser entendida como uma atividade social onde o leitor interage com o autor.

Para além do domínio das letras e do domínio da escrita, a alfabetização pode trazer mudanças significativas na vida do educando; pois amplia as possibilidades de acesso às informações, intervém na realidade, na análise das questões sociais e políticas, e no reconhecimento do sujeito, como um sujeito de direitos.

1.2.2. Alfabetização e Letramento

Soares, M.(2019) nos ajuda a compreender a relação alfabetização - letramento, ao focar na importância de se dar sentido ao que se aprende:

A alfabetização, segundo essas teorias, se desenvolve em contexto de letramento, que dá sentido ao aprender a ler e escrever, portanto, ser alfabetizado supõe ter também pelo menos algum nível de letramento. O que se pode dizer é que os níveis de letramento, tal como os níveis de alfabetização são ainda muito baixo na população brasileira, como têm mostrado os resultados de pesquisas e índices de alfabetismo (letramento).

Para a autora, o conhecimento das letras é apenas um meio para o letramento, que é o uso social da leitura e da escrita. Para formar cidadãos atuantes e interacionistas, é preciso conhecer a importância da informação sobre letramento e não de alfabetização. Letrar significa colocar o indivíduo no mundo letrado, trabalhando com os distintos usos de escrita na sociedade.

Silva, J.L. (2009, p. 14 e 15) destaca como fica essa relação letramento - alfabetização utilizando Freire e Soares.

É a própria Magda Soares quem afirma ser Freire aquele que põe em prática uma alfabetização voltada para o letramento, pois ele sempre esteve posicionado contra a distância entre as lições escolares e a experiência existencial do alfabetizando, *que empilha tijolos e mora em favela*. Afirma também Freire, quando cria sua concepção de alfabetização, “transforma fundamentalmente o *material* com que se alfabetiza, o *objeto* com que se alfabetiza, as *relações sociais* em que se alfabetiza – enfim: o *método* com que se alfabetiza.” (Soares, 2003b, p.120)

Tais contribuições nos mostram que alfabetizar, ainda significa estabelecer um processo que tem como objetivo fim letrar o sujeito.

A palavra letramento é utilizada no processo de inserção do sujeito em uma cultura letrada. Sobre esse conceito temos a contribuição de Silva (2009, pp. 79 e 81):

Refere-se a um conjunto de comportamentos que se caracterizam por sua variedade e complexidade. Soares mostra que há duas dimensões para o letramento: uma *individual* e outra *social*. A dimensão individual refere-se à posse individual de habilidades de leitura e escrita[...] A dimensão social do letramento refere-se à prática social, ou ao que as pessoas fazem com as habilidades e os conhecimentos da leitura e escrita, em determinado contexto. As habilidades não podem ser dissociadas de seus usos.

Dentro dessa concepção social, podemos inferir que Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as charges, seguindo receitas culinárias, a lista de supermercado, utilizando o “zap” para se comunicar.

Letramento é ler os livros, emocionando-se com as histórias que se apresentam. É fazer dos personagens nossos melhores amigos. Letramento é nos descobrirmos na leitura e na escrita; é entender quem somos e descobrir quem podemos ser.

É importante que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita; como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

É desenvolver atitudes de caráter prático em relação a esse aprendizado; entendendo que a alfabetização e letramento devem ter tratamento metodológico diferente, para se alcançar o sucesso no processo de ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas nossas escolas, é outro aspecto importante.

Assim, enquanto alfabetização se refere ao domínio da tecnologia da escrita, incluindo o código e suas convenções, o letramento refere-se ao envolvimento do indivíduo com suas práticas sociais da escrita.

Vários estudos sobre letramento revelam que ler e escrever não são habilidades ou capacidades com um fim em si mesmas, mas estão postas em diferentes tempos e espaços e podem variar: o que se lê, para quem, para que, o que se escreve, para quem, como e porque.

Esse processo começa muito antes da alfabetização, quando o indivíduo começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social.

O letramento é cultural, por isso muitos já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal absorvido no cotidiano. Ao entendermos a importância do letramento, deixamos de exercitar o aprendizado automático e repetitivo, baseado na descontextualização.

Sobre os processos de alfabetização, Cid. P. (2020. pp.88 e 89) contribui com a seguinte reflexão:

Os processos de alfabetização envolvem tomada de consciência, por parte de quem aprende e por parte de quem ensina. Quem vive a alfabetização como estudante assume o aceite por um sistema linguístico construído sob bases artificiais a partir de escolhas culturais e políticas. O estudante da EJA vive cotidianamente os desafios da vida social em uma cultura que elege a apropriação da escrita alfabética como modo legítimo de interação com o mundo. Tal perspectiva é tão impregnada socialmente que é bastante comum que alguns destes estudantes não se percebam como capazes de ajuizar o mundo sem domínio fluente da leitura e escrita.

Podemos evidenciar parte do que a autora trata quando ouvimos dos educandos que desejam aprender a ler e a escrever para lerem a Bíblia, para lerem uma receita, ou simplesmente assinarem seu nome numa proposta de crediário.

É importante que tenhamos uma metodologia que caminhe além do olhar puramente técnico da aquisição da escrita, possibilitando ao educando da EJA aprendizagens significativas, capazes de fazê-lo ingressar no mundo letrado e simultaneamente torná-lo cidadão.

Pensando nesse ingresso no mundo letrado Silva (2003, pp. 103 e 104) reforça a importância dos conteúdos a serem trabalhados nos espaços escolares, se relacionarem com o cotidiano:

Relacionar a vida aos conteúdos trabalhados. Garantir o significado dos temas, mostrando como são aplicáveis à prática. Reconhecer que o que acontece em casa, na rua, no ônibus e o que é transmitido na televisão, no rádio, nos jornais tem relação com aquilo que se aprende na escola.

Complementando a citação acima, a autora fala sobre a importância da alfabetização como instrumento dentro de uma sociedade:

A alfabetização não caminha sozinha, mas coexiste com a sociedade, como instrumento desta para que o indivíduo se locomova e atue consciente de seu

papel no mundo. Neste sentido estar alfabetizado garante um outro modo de ver, de viver neste mundo.

Podemos perceber pelas reflexões citadas, que o conceito de alfabetização é extenso e o quanto é importante a participação dos educadores neste processo. Vários desafios se apresentam para o educador nesse processo e a professora Cid (2020, pp.91 e 92) nos aponta alguns.

Chama à responsabilidade professores, independentemente do grau escolar de atuação, para o fato de que, em todo processo de escolarização, os desafios pedagógicos abrangem leitura e escrita, com níveis cada vez mais aprofundados de interações, em diferentes gêneros discursivos. As questões didáticas se apresentam, portanto, como decorrência de um rol de princípios educativos que motivam práticas pedagógicas tão variáveis quanto os modos de aprendizagem.

Essa escrita deve ser apresentada aos educandos da EJA por intermédio de textos reais, coerentes e ricos de elementos coesivos, abordando elementos motivadores que vão ao encontro das necessidades dos educandos.

A maneira como o processo de ensino, na alfabetização, é colocado em ação influencia diretamente os processos de elaboração da escrita dos educandos.

Outra questão importante nesse estudo, que também nos foi apresentado por Silva, J. L (2009 p.19) é a importância da redescoberta do mundo e do olhar para a população que está à margem da sociedade – nossos sujeitos da EJA.

A alfabetização além de constituir-se no exercício da leitura e da escrita, é também redescoberta do mundo e, a partir dela, torna-se possível uma tomada de consciência das estruturas que dominam e excluem a população que se encontra à margem da sociedade, dominada por um sistema de poder que visa formar indivíduos programados para submeterem-se à opressão.

Tal afirmativa corrobora para a importância da reflexão sobre a formação desses sujeitos da EJA, que por serem oprimidos, na sua maioria, apresentam esse reflexo na alfabetização; mas uma vez alfabetizados passam a se reconhecerem como protagonistas de suas histórias sendo capazes de resgatarem a autoestima perdida com o tempo.

1.2.3. A importância da afetividade

Falar de afetividade é falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações.

As relações afetivas se vinculam com as especificidades das relações recíprocas entre os sujeitos, enquanto tentativas vivenciadas, com a intenção da reciprocidade entre eles e o aprofundamento do conhecimento recíproco.

A afetividade é o território das emoções, das paixões e dos sentimentos. A aprendizagem é território do conhecimento, da descoberta e da atividade. Organiza-se em fenômenos complexos e multideterminados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através do convívio humano.

Cada indivíduo traz em particular uma articulação de emoções, estes por sua vez, se expõem de forma desconsertada, e comumente não se consegue caracterizar suas disposições, pois em alguns momentos nos fazem chorar e em outros nos fazem sorrir.

Sobre isso Almeida (2001), ao tratar sobre o conceito de afetividade na obra de Wallon, relata:

A afetividade está sempre ligada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, exposta através das emoções, das paixões e dos sentimentos. A emoção é a forma de expressão da afetividade que se manifestam em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegrias, tristeza, cólera e medo.

Segundo a autora acontecem desacordos na conceituação dos episódios afetivos. A análise se torna comprometida quando o tema é sua significação, sendo este um tema muito discutido nos ambientes educativos.

Atualmente muitos autores dão mais ênfase a esta tendência, por acreditarem na importância dessa unidade e complexidade, que confortam o ser humano.

Os saberes trazidos pelos educandos para a sala de aula da EJA não podem ser descartados. Saber escutar, reconhecer que esse educando é capaz, refletir criticamente sobre a prática pedagógica, são exemplos de saberes necessários ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido com esses educandos.

A afetividade fortalece o processo dialógico desfazendo a relação de dominação de saberes e o olhar atento do educador diminui a distância entre o discurso e a prática, deixando transparecer verdades em seus ensinamentos. Freire, P (2003, p. 137 – 139), expõe a importância da escuta no processo:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente às diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter humildade para aceitar saber dialogar com aquele que fala e / ou escreve de uma maneira diferente normas padrões da gramática. Ao reconhecer a leitura de mundo do aluno, o professor está valorizando o seu saber cotidiano.

Esse processo afetivo envolve tanto a valorização dos conhecimentos, como a forma de expressão do educador e do educando no processo de socialização levando em consideração, as situações de ensino e aprendizagem; dúvidas e inquietações; realidades socioculturais; jornada de trabalho e condições emocionais decorrentes da exclusão escolar.

São as relações afetivas positivas entre educador e educando, que promovem o processo ensino-aprendizagem eficiente e uma mediação adequada por parte do educador.

Essas relações afetivas podem amenizar alguns entraves durante o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, por meio da afetividade as práticas pedagógicas podem ser adaptadas para atenderem as diferentes realidades presentes na sala de aula da EJA.

Outro fator relacionado à dimensão afetiva do educador é seu envolvimento com a pesquisa, pois se ele não se identificar com o processo investigativo, não se envolverá com a busca. Sobre isso Leite, S. A.S. (Org.) (2013 p. 164) coloca o seguinte destaque.

É necessário destacar que a EJA ainda necessita de diversos olhares sobre os vários aspectos que a constituem, para que se trilhem caminhos que vislumbrem uma educação realmente de qualidade para todos os jovens e adultos que estão começando ou tentam dar continuidade a seu processo de aprendizagem.

Para Freire (2013, p. 53), é importante que o educador esteja em constante processo de pesquisa, pois este possibilitará o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica e novas descobertas.

Diante das contribuições aqui tratadas podemos entender que a trajetória de formação de cada educador influencia significativamente na maneira como ele se relaciona com os objetos de conhecimento da modalidade aqui tratada, os educandos, os conteúdos a serem trabalhados e os espaços de ensino e aprendizagem.

É importante que o educador da EJA valorize as experiências e saberes que cada indivíduo traz consigo, levando em conta suas práticas cotidianas, e a partir dessas vivências analisá-las e discuti-las na tentativa de torná-las significativas para a construção do conhecimento do educando.

Outro autor que contribui com a mesma reflexão é Vigotsky quando nos apresenta a zona de desenvolvimento proximal. Para ele, se o educador da EJA conseguir identificar a distância entre o nível de conhecimento real e aquele que os educandos poderão construir com a sua contribuição ou a de um colega de turma, fortalecidos pelos laços afetivos, sem dúvida alcançará maior sucesso.

Nesse ponto, Rufino, L.R e Carmo, R.R (2019) na pesquisa sobre “Afetividade no contexto educacional da EJA”, nos ajudam a compreender um pouco mais sobre o tema trazendo a reflexão sobre a importância do teor emocional:

É interessante frisar que, essa relação é conflituosa, e também é compreensível, a sala de aula sendo um espaço em que se encontram classes sociais, valores e culturas diversificadas. Por tudo isso, uma aula ministrada vai muito além de repasses de conteúdo, de informação, porque nessa troca de experiências, é necessário englobar o teor emocional e afetivo, que não devem ser perdidos no processo de ensino aprendizagem.

É preciso que as decisões sobre a “forma de ensinar” sejam tomadas com seriedade, comprometimento e responsabilidade; pois atingem diretamente os educandos, tanto a nível cognitivo quanto afetivo.

Tais decisões também podem ter efeito reverso no educando, ou seja, podem afastá-lo ou inibi-lo de forma a prejudicá-lo em todo o processo de letramento/alfabetização.

Os sucessos e fracassos têm impactos na autoestima dos educandos. No espaço escolar esses sentimentos dependem das condições facilitadoras ou não, que o educando encontra durante seu processo de aprendizagem, e o planejamento de tais condições dependerá do educador.

Sentir-se acolhido, compreendido, apoiado pelo educador da EJA, sentir que pode confiar nele e tê-lo como amigo é muito importante para o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

O educando precisa sentir que o educador sente prazer no que está fazendo, tem carinho e cuidado ao preparar sua aula procurando atender suas especificidades e necessidades.

O diálogo estabelecido entre educador e educando favorecerá o conhecimento e a troca de experiências de vida ganhando assim a confiança mútua, tão importante no processo de aprendizagem.

Ainda sobre a importância do diálogo Paixão, A. F. (2020, p. 102) afirma a necessidade de garantirmos aos educandos da EJA os direitos que lhe foram negados em algum período de suas vidas.

É preciso estarmos atentos e dialogarmos com a perspectiva esperada de que esses direitos possam ser assegurados para esses jovens e adultos que integram nossa sociedade e que precisam ter sua cidadania plena igualmente assegurada, incluindo, portanto, a garantia do direito à educação como um dos direitos fundamentais do ser humano.

Esse diálogo também poderá levar o educando a entender o que significa a busca por seus direitos negados durante tanto tempo. Esse é um dos caminhos para o laço afetivo, tão importante na EJA.

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva, o vínculo entre educador e educando precisa ser estabelecido. Se esse processo não acontece, o pensamento não acontece. É como se fornecêssemos as respostas antes mesmo de fazermos a pergunta.

Camargo, P.S.A.S (2017) em seu artigo intitulado “Representações Sociais na EJA”, nos aponta a importância de se trabalhar a afetividade também na formação inicial e continuada.

Ancoram-se na perspectiva afetiva, em que o amor e a responsabilidade são mais significativos do que a competência técnica e a formação didático-pedagógica, tendo em vista que a formação específica inicial é inexistente e a formação continuada é insuficiente para atender todas as especificidades dos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos jovens, dos adultos, dos idosos e suas complexidades sociais, econômicas e políticas dessa modalidade de ensino.

Esse olhar afetivo não é aprendido numa universidade, ele está naquele que sabe o que quer fazer e se preocupa com o outro, mas é possível se pensar em dinâmicas e estratégias que possam levar o educador em formação, a buscar esse olhar afetivo para seu educando.

É necessário oportunizar espaços para que os educadores possam compartilhar descobertas e experiências, integrando os saberes formais da educação, da EJA, de sua área de conhecimento, sendo esta uma ótima estratégia para aprofundar as relações entre prática/teoria/prática.

1.3. Desafios e possibilidades presentes na formação do educador da EJA

1.3.1 A formação inicial

A formação inicial para os educadores da EJA deve ser evidenciada como tema decisivo e importante dentre as políticas públicas para a educação, pois os desafios colocados à escola no contexto globalizado que vivemos requerem do trabalho educativo outro patamar para acompanhar as transformações do processo educacional.

Outro ponto a se considerar é que não cabe responsabilizar os educadores pela inconsistência das aprendizagens dos educandos, mesmo reconhecendo-se a necessidade de transformação das lacunas existentes no cenário educativo.

Um olhar atento às evidências tem revelado sinais de que a formação inicial ofertada pelas instituições de ensino superior nem sempre garante o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para que o educador da EJA atinja o sucesso esperado.

Mesmo com todo o olhar voltado à essa especificidade, ainda não há garantias de que os futuros educadores da EJA desenvolvam capacidade pessoal que lhes concedam uma participação efetiva na sociedade cada vez mais exigente sob todos os aspectos.

Tedesco, (2008, p.144) contribui com essa discussão apontando a necessidade da reflexão sobre o currículo formal:

A formação inicial tem demonstrado que os cursos de formação ao desenvolverem um currículo formal, com conteúdos e atividades de estágio distanciadas da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial, não dá conta de captar as contradições presentes, na prática social de educar.

Para o autor, essa formação não é suficiente e pouco contribui para criar uma identidade profissional. Seguindo esse ponto de vista, parece que os programas de ensino e os componentes curriculares dos cursos de licenciaturas, apresentam uma estrutura curricular desarticulada com a prática pedagógica desenvolvida no espaço escolar.

Esse modelo de formação profissional apresenta o educador, como um transmissor de conhecimentos, e os educandos como sujeitos passivos e receptores de conteúdos, elegendo como prática pedagógica a memorização mecânica e a repetição, que em nada contribui para mudar a realidade da educação no atual contexto.

A professora Paixão, A. F. (2020, p.97) nos ajuda a pensar sobre a temática trazendo contribuições de Paulo Freire como ponto de auxílio, ao analisarmos essa prática docente com pessoas jovens e adultas.

Considerando que Paulo defendeu a importância de aprendermos a modificar o mundo a partir das formas escolhidas de estarmos no mundo, nosso papel como educadores atuantes na modalidade EJA precisa ser o de quem contribui para a construção de uma ação reflexiva que problematize as questões cotidianas e analise seus impactos na vida dos sujeitos *ensinantesaprendizesensinantes* da EJA, de forma a podermos, por meio do diálogo, contribuir significativamente para uma perspectiva de educação que seja potencializadora de caminhos para a libertação das classes populares e oprimidas dos contextos opressores em que vivem e/ou para os quais atuam.

Os educadores são agentes importantes no processo educacional sendo responsáveis pelas ações educativas, pela mediação de conflitos e pela gestão das relações interpessoais no interior da sala de aula.

O educador que atua na EJA, e em especial na alfabetização, precisa conhecer profundamente seus educandos. Conhecer suas origens, seus desejos e anseios, a cultura que trazem consigo, a fim de que perceba as condições de produção cognitiva dos conhecimentos que cada um carrega em sua bagagem.

Senna, L.A. (2012 p. 77) trata dessa questão apontando a importância de conhecermos quem é esse sujeito aprendiz e o lugar de onde ele fala.

o profissional do ensino-polariza as práticas específicas de desenvolvimento de cidadãos capazes de interagir na sociedade e de cooperar em sua construção constante, por meio de uma razão ecológica, profundamente comprometida com a pluralidade e com o respeito à diversidade das culturas hoje amalgamadas e legitimadas no mesmo espaço urbano. Tal profissional necessita conhecer em profundidade as condições de produção desses cidadãos, o que implica a adição

de novos saberes em sua própria formação, envolvendo não um punhado de orientações técnicas, mas sim, bases substantivas com que se lhe dêem a conhecer: a) a natureza epistemológica dos sujeitos sociais contemporâneas e b) a natureza que seu papel assume no interior da cultura social.

Os educadores, por serem “representantes da sociedade”, carregam heranças culturais que podem servir de ligação entre a sociedade e os educandos, que buscam sua inserção na sociedade.

Essa cultura posta ao educador da EJA é constituída de convenções, regras, conteúdos formais, mas também abrange valores, atitudes e práticas sociais. Nesse sentido, os princípios da ética, da cooperação, da solidariedade e da participação social devem ser compartilhados com todos, em especial com os alfabetizados da EJA.

O processo educativo possibilita ao educando compreender a sociedade da qual faz parte e procurar alternativas para se posicionar e até modificá-la, se for o caso. Nesta perspectiva o papel do educador vai além do trabalho com os educandos em sala de aula, podendo impactar no entorno da escola, nas famílias dos educandos e na comunidade.

Uma contribuição importante a esse diálogo sobre a formação nos é apresentada pela pesquisadora Moll, J. (2011,p. 15) que nos convida a pensarmos sobre as diferentes trajetórias que o educador da EJA segue:

Fazer-se professor ou professora de adultos implica empreender trajetórias que se enveredam pela razão sensível que, compreendendo e explicando o mundo com seus condicionantes históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, permite que a singularidade das histórias humanas se explicitem no espaço da sala de aula para que cada um, se dizendo, possa dizer de seu mundo. E dizendo suas novas palavras, possa encantar-se com o universo de conhecimento que vem por meio delas.

Pode-se perceber, diante das contribuições apontadas anteriormente que, para que possamos continuar a desenvolver um trabalho com condições, é importante que os educadores contem com o ambiente de trabalho favorável e com espaços de formações adequados à suas demandas e necessidades, bem como às demandas e necessidades dos seus educandos.

Se as formações oferecidas estiverem em sintonia com as demandas reais dos educadores possibilitará a construção dos saberes a partir da sua prática, extrapolando a

concepção conteudista vivenciada por muitos e presente na prática pedagógica de vários educadores.

Entretanto no caminhar dessa transformação se faz necessária a definição de novas diretrizes para a formação profissional, pois ela não depende apenas da identificação das tarefas condizentes à educação escolar, embora haja a compreensão de que a mesma é importante, ressaltamos que não é o único fator para o sucesso das aprendizagens que a escola deve garantir.

Considerando-se que o saber é produzido socialmente pelo conjunto das pessoas nas relações por elas estabelecidas em suas atividades práticas, ou seja, no seu trabalho, deve-se levar em consideração que o educando aprende, compreende e transforma as circunstâncias ao mesmo tempo em que por elas é transformado.

Soares, L.J.G e Pedroso, A.P.F. (2016) no artigo sobre a formação de educadores da EJA tratam dessa necessidade:

A fim de se tecer algumas reflexões para se pensar o perfil e a formação desse educador de EJA, uma primeira constatação que se apresenta é que se torna imprescindível reconhecer as peculiaridades inerentes à EJA e, a partir delas, estabelecer os parâmetros para esse educador, delineando uma política específica para a sua formação.

É importante que os programas de formação auxiliem os educadores e não surjam como mais uma tarefa a ser cumprida, focado só em teorias. Eles devem ser pensados para auxiliar o educador da EJA a planejar e executar seu trabalho.

O alfabetizador da EJA precisa entender como seu educando aprende a ler e a escrever, como se forma um leitor, um produtor de textos, como pode desenvolver o gosto pela leitura. Essa relação entre saber o que se vai ensinar e saber como o educando irá aprender o que será ensinado é pouco explorada na formação desses educadores, principalmente no curso de Pedagogia.

Cid (2020, pp. 94 e 95) trata da importância do educador como mediador no processo de alfabetização valorizando o que o educando traz consigo:

o professor que se percebe como mediador entre a cultura do aluno e a cultura escrita, assume a conduta de ser alguém que o desafia a pensar, a produzir explicações, a questionar, a formular hipóteses. Essa postura insere o estudante na lógica de que a aprendizagem não é um processo que depende apenas do outro, no caso, o professor, mas que pressupõe atividades cognitivas que

proporcionem relações de interlocução, de trocas de saberes, de trânsito entre modos diferenciados de interação.

Essa troca de saberes e o favorecimento de modos novos de interação coadunam com a importância de estudos específicos na área da EJA.

Cid, P. (2020, p. 92) nos mostra também a importância da formação dos educadores da EJA, no processo de alfabetização, valorizando suas experiências de vida, que de certa forma o ajudarão a valorizar as experiências de vida dos seus educandos.

A variabilidade inerente do processo de ensino em alfabetização se elabora a partir das bases de formação dos professores, o que inclui toda e qualquer experiência vivida pelo licenciado, ainda que sem fins de formação profissional. Trata-se aqui dos conceitos que os professores constroem ao longo da vida, em situações acadêmicas, pragmáticas ou cotidianas, e que efetivamente subsidiam suas práticas. Portanto é algo que vai além de teorias decoradas ou assumidas apenas no plano dos discursos. Diz respeito aos conceitos construídos por eles mesmos e que são materializados na atuação em sala de aula.

No Brasil nem todas as universidades públicas ou privadas oferecem a EJA como uma habilitação, aos seus alunos das diferentes licenciaturas e da Graduação. Ainda encontramos espaços de formação onde a EJA é oferecida como uma disciplina eletiva⁵ e com isso, muitos profissionais chegam às salas de aula da EJA sem terem tido contato inicial com as especificidades da modalidade.

Na UERJ, desde 1991, a formação para EJA é oferecida obrigatoriamente a todos os graduandos. Ela faz parte da grade curricular dos alunos e mesmo com as reformas no Ensino Superior, se manteve.

Atualmente a UERJ oferece aos seus graduandos, sete disciplinas obrigatórias e dez eletivas, todas sobre EJA e Movimentos Sociais. Dentre as disciplinas obrigatórias são oferecidas: EJA e Educação Continuada, Abordagens Pedagógicas na EJA, Trabalho e Educação, Estágio e Movimentos Sociais, Movimentos Sociais e Educação, dentre outras.

Nas eletivas a UERJ oferece as disciplinas: Paulo Freire, Sujeitos da EJA, Políticas Públicas e EJA dentre outras. Há um elenco grande de disciplinas oferecidas

⁵ Disciplinas eletivas são disciplinas escolhidas pelos estudantes que não fazem parte do perfil curricular do curso. Não há possibilidade e aproveitamento dessas disciplinas para integralização curricular.

aos graduandos que podem escolher a que irão cursar como eletiva. Isso coloca a UERJ no rol das universidades consideradas referência na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, por muitos pesquisadores.

É importante não esquecermos que os cursos de formação se constituem como um processo de mediação da relação entre os saberes, as práticas pedagógicas e as políticas de EJA. Isso nos leva a pensar que é importante focarmos na formação de educadores voltada à EJA, visando aperfeiçoar técnicas pedagógicas, metodologias de ensino que possibilitem a permanência desses educandos na escola, proporcionando-lhes um ensino significativo e que os levem à análise crítica dos fatos abordados em sala de aula e do seu meio social.

A professora pesquisadora Laffin, M.H.L.F. (2017) em sua apresentação oral no V Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos, amplia essa análise destacando a importância da formação docente como ato político, trazendo como exemplo a análise de um curso de extensão para educadores da EJA no formato EAD oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

A formação docente se configura como ato educativo, no sentido de bem público produzido pelo estado, mas também como mecanismo no contexto capitalista, no qual os professores precisam produzir sua formação e empregabilidade, na precarização das suas condições de trabalho. Historicamente são requeridos, por intermédio dos movimentos sociais, investimentos na educação pública capazes de garantir processos e condições de trabalho que configurem a educação como bem público. Sobre essa consideração é pertinente lembrar que a importância de uma sólida formação docente, que garanta a apropriação do conhecimento como requisito fundamental para a constituição do trabalho docente, da construção de novas políticas que permitam e favoreçam a socialização do conhecimento, assim como melhores condições de trabalho e salariais para professores.

Cruz, A. C. S. (2018) em seu artigo - EJA: Formação docente e seus desafios - trata das incertezas do mundo globalizado e seus impactos na formação do educador da EJA convidando-nos a pensarmos sobre esses desafios e buscarmos formas de superá-los.

São muitos os desafios o que torna a prática de ensinar cada vez mais complexa para superar uma formação fragmentada, tanto a instituição formadora de professores como os formadores e os futuros professores, precisam assumir que na, “sociedade globalizada ” se convive, simultaneamente, com a inovação e a incerteza. Por isso, a educação dos seres humanos se torna mais complexa, e a formação do professor, também, passa a assumir essa complexidade.

Outro ponto importante e que merece destaque na formação, tanto inicial quanto continuada daqueles que se interessam, tem afinidades e trabalham com a modalidade EJA, é o entendimento de que se faz necessário o resgate da autoestima do educando.

O contexto de negação, de menos valia apresentados por muitos educandos pode ser visto como algo relevante para a aprendizagem eficaz, pois oportuniza aos educandos o prazer ao constatarem suas conquistas e evoluções.

Sobre esse resgate, Moll, J. (2011. p. 11) trata o assunto apontando que na maioria das vezes também “será preciso construir a sala de aula como espaço da palavra, portanto, como espaço de escuta. Será preciso redesenhar a configuração imaginária da escola que vive na memória de cada um e de cada uma”.

Encontramos no texto produzido pelas professoras Ventura, J. e Bomfim, M.I (2015) uma análise sobre a formação do educador da EJA nas licenciaturas. Elas chamam a atenção para o fato de que esses cursos ainda não dão conta da formação que atenda às especificidades da EJA.

As lacunas em relação à Educação de Jovens e Adultos nas licenciaturas, de forma geral, vêm sendo apontadas em inúmeros estudos. Análises realizadas por Di Pierro (2006), Gatti e Barreto (2009), por exemplo, assinalam tanto o lugar secundário da preparação para a docência como o silêncio em relação ao trabalho específico em EJA, ausente na maioria das experiências de formação inicial em cursos de licenciatura que habilitam o profissional a exercer a docência numa dada área do conhecimento, nos níveis e nas modalidades da educação básica. A questão, portanto, coloca-se em torno dos limites dessa formação, isto é, da não explicitação do seu compromisso com a educação destinada aos alunos jovens e adultos que integram as frações mais empobrecidas da classe trabalhadora.

As autoras complementam a questão trazendo contribuições sobre a importância de se ter metodologias voltadas a esse público alvo.

A oferta de cursos e de programas dirigidos à ampliação da escolaridade de jovens e de adultos requer conteúdos trabalhados de modo diferenciado de como ocorre no ensino regular, com métodos e tempos condizentes com o perfil do estudante jovem e adulto, ou seja, com a experiência que ele traz para o processo, como lembra Thompson (2002). Por isso mesmo, o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode ignorar a especificidade da EJA, assim como o caráter multidisciplinar e interdisciplinar dos seus componentes curriculares (BRASIL, 2000).

1.3.2 Formação continuada

Na EJA, a formação de profissionais para atuar nessa modalidade foi marcada, durante muito tempo, por uma concepção de educação compensatória. Sendo assim, as práticas desenvolvidas em sala de aula se apresentam das mais diversas formas.

Muitos ainda reproduzem a prática vivenciada por aqueles que foram seus formadores no seu processo de escolarização; reproduzem a prática desenvolvida com as crianças e adolescentes do ensino fundamental, prática sem compromisso com a evolução do educando; entre outras, desconsiderando a historicidade e subjetividade dos jovens e adultos.

O educador que se envolve realmente com a EJA constrói e reconstrói sua prática pedagógica, a partir de novas experiências e conhecimentos buscando sempre combinar elementos teóricos com situações práticas reais.

O processo de formação continuada pode ser um caminho para superação de algumas dificuldades, sobretudo, no âmbito metodológico, trazendo possibilidades para práticas curriculares adequadas para os educandos da EJA.

Nesse sentido, a formação continuada em serviço é apontada como um espaço de reflexão e aprofundamento teórico das práticas pedagógicas e do currículo.

De acordo com Pimenta (2008), o exercício da docência é ir além das atividades burocráticas para as quais se formam técnicos. A natureza do trabalho docente, que é ensinar, contribui para a formação dos educandos nas atitudes, nos valores, nas habilidades e em conhecimentos que contribuam segundo Sérgio, M. C. (2014a: 17), para os “munir dos saberes necessários ao enfrentamento dos desafios que a prática social lhes impõe no cotidiano”.

A formação continuada em serviço é esse espaço, esse momento de reflexão das práticas pedagógicas. De forma mais contundente no cenário atual, corroborado por Sérgio (2014b: 39), “o professor nesse contexto não está alheio às mudanças, nem neutro no contexto social e educacional, está imerso nesse processo de mudanças enquanto sujeito ativo ou passivo”.

Cury (2000, p.50) complementa os estudos tratando da importância da preparação do docente que atuará na formação continuada.

com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer.

Nessa linha de pensamento, podemos entender que os programas de formação continuada de educadores da EJA devem contribuir para desenvolver capacidades para analisarem os desafios que terão de enfrentar e tomar decisões com mais autonomia para cada um deles.

Essas formações podem ser entendidas como momentos de um mesmo processo, que se interligam e se complementam, permitindo aprimoramento, enriquecimento, qualidade de ensino e aprendizagem à formação do educador.

1.3.3 Material didático

Outra questão que trazemos é sobre o material didático específico para a alfabetização na EJA. É necessária atenção, principalmente do poder público, no que se refere ao material didático destinado à modalidade.

Sobre isso e sobre a metodologia usada na EJA, encontramos no artigo de Cruz, A. C. S. (2018) a seguinte reflexão:

Outro problema visto na realidade é o uso de materiais didáticos e metodologias inadequadas que vem se arrastando desde muito tempo e isso aliena o aluno. O melhor método é utilizar o próprio aluno, sua capacidade de pensar e refletir, interagir, uma vez que se acredita que ele é autor de sua própria história, de fazê-lo acreditar em seu potencial, empoderá-lo e que ele mesmo acredite nisso, para que ele entenda a sua função social no lugar e no tempo. Ou seja, o professor aproveitar os conhecimentos em sala de aula, deixar a aula contextualizada.

Quando o educador utiliza materiais relacionados a realidade cotidiana do educando, está possibilitando que o processo ensino-aprendizagem seja afetivamente motivador para os sujeitos, uma vez que estes materiais fazem parte do campo de significação do educando.

Para Serra, E. (2020, p.34) a seleção dos conteúdos a serem trabalhados deve estar de acordo com as necessidades dos educandos da EJA.

Nessa modalidade, o tempo e os propósitos estipulados para o trabalho pedagógico não podem ser comparados aos previstos para crianças. Se, para estas, a seleção de temas já é algo problemático e alvo de intensos debates, para jovens e adultos, isso toma proporções mais agudas pelo simples fato de que justamente não lidamos com crianças, e sim com trabalhadores e trabalhadoras que levam vida de adulto, muitos dos quais são mães, pais, chefes de família, responsáveis pelo seu próprio sustento ou pela contribuição financeira na manutenção do domicílio em que habitam. São, portanto, sujeitos com saberes experienciais que nos demandam e exigem uma programação curricular específica.

Na EJA, principalmente pela não obrigatoriedade escolar e pelas dificuldades enfrentadas pelos educandos para conciliarem a vida familiar e profissional com a escola, se o ambiente não for favorável, se os materiais não forem adequados e os conteúdos trabalhados não forem significativos para o educando, as chances para que este permaneça no ambiente escolar são mínimas.

Em 2011, o Ministério da Educação inaugurou o processo de avaliação das obras didáticas para a EJA, da Alfabetização aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Naquele momento, tinha-se em mente a possibilidade de se agregar obras em formatos variados, no intuito de acolher e trabalhar a diversidade de propostas voltadas para essa modalidade de ensino.

Em 2014, duas novidades foram acrescentadas ao processo de seleção: a inclusão de coleções voltadas para o Ensino Médio e a inserção de materiais virtuais como objeto de análise. Essa possibilidade, na época, foi tratada pelo Ministério da Educação (MEC) como um fato positivo para educadores e educandos, conforme cita o Guia de Livros Didáticos PNLD EJA 2014.

Para o professor que se depara cotidianamente com o desafio de lidar com jovens, adultos e idosos da modalidade EJA, a escolha do livro didático se reveste de um significado especial. Afinal, os estudantes dessa modalidade trazem para a sala de aula um leque de experiências provenientes do convívio social, além das vivências advindas do mundo do trabalho e da família. Por isso, necessitam de um livro didático concebido especificamente para eles, tendo em vista suas necessidades escolares/ acadêmicas. O livro didático deve oferecer a possibilidade de que eles usufruam o saber dos diversos campos do conhecimento, vinculados aos componentes curriculares, contribuindo para que os estudantes se situem de modo crítico e mostrem atitudes construtivas no mundo do qual fazem parte.

Porém, alguns pesquisadores não encararam o uso desse material de forma positiva, principalmente no que tange ao diálogo com o currículo da EJA. Silva. J.M. e Villela. A. M. (2016) ao analisarem uma coleção de livros didáticos destinada à EJA trazem a seguinte contribuição:

A avaliação dos livros didáticos e ainda a definição do currículo são mecanismos de controle das classes dominantes que desejam fortalecer as relações de poder e desigualdade predominantes na sociedade capitalista. Sob tal ponto de vista, o currículo torna-se o meio para a concretização de tal dominação. Para a sociedade que se deseja ter, determina-se, por meio do controle das práticas educativas, o homem que se quer formar.

Numa relação entre material didático e o currículo da EJA, Paixão. A. (2020, p.92) afirma o seguinte:

À escola, como instituição formal do fazer educativo, fica a responsabilidade de implementar um currículo que considere os necessários diálogos com o mundo além de seus muros e abordar os conteúdos curriculares, interagindo com as vivências, os contextos societários e as reais demandas desses indivíduos e coletivos que, por sua vez, impactem em melhores condições e qualidade de vida.

A EJA necessita de diferentes olhares sobre os vários aspectos que a constituem, para que ofereça uma educação que realmente atenda às necessidades de nossos jovens e adultos que buscam recomeçar ou que nunca tiveram uma oportunidade anterior. O material didático é um exemplo a ser considerado nesse olhar diferenciado.

Ainda sobre os materiais didáticos, e por consequência as propostas curriculares para a EJA, Serra (2020, p. 36) traz sua contribuição apontando um currículo focado nas competências.

Na elaboração de propostas curriculares e materiais didáticos para a EJA, essas disputas aparecem quando se analisam as concepções pedagógicas, de conhecimento e de aluno nelas presentes. Muitas vezes nos deparamos com a “expressão da marca social da escola dos subalternizados, que se assenta na cultura dos mínimos” (Rummert e Ciavatta, 2010), ou seja, nos deparamos com propostas que não se preocupam com a formação mais abrangente do educando a partir de referenciais da pedagogia crítica, e sim com o mínimo de conteúdos estabelecidos, tendo como base a educação de crianças e adolescentes (currículo supletivo) ou com o estabelecimento de competências para a produção do trabalhador apropriado para a acumulação flexível do capital (currículo por competências).

Nesse sentido, discutir as práticas curriculares que valorizam as potencialidades e os saberes dos nossos educandos, de certa forma contribui para se romper com as experiências que não se contentam com os conteúdos pré-estabelecidos.

O mundo exige pessoas hábeis no trato das diferentes esferas da vida: trabalho, família, participação social e política, atividades de lazer e cultura, etc. Para isso é necessária uma atuação crítica, responsável e transformadora, que só é possível quando o sujeito se descobre construtor de seus próprios conhecimentos e se torna capaz de atuar no seu mundo cultural e social e transformá-lo.

O pensamento científico não precisa estar em oposição ao saber que tem origem no fazer, é preciso recuperar o encantamento e a confiança no saber científico e relacioná-lo aos nossos desafios cotidianos.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Pensando em como buscar dados para responder as questões levantadas na problematização desta pesquisa, procuramos adotar uma prática que vise a combinação entre teoria e dados levantados.

A pesquisa científica numa abordagem qualitativa está presente nas diversas instâncias da vida em sociedade quais sejam, política, social, econômica e educacional. Ela tem, segundo Ana, W.P.S e Lemos, G.C (2018, p. 532) “como objetivo promover e confrontar dados e informações sobre determinado assunto, a partir de um embasamento teórico sólido a respeito do objeto que está sendo pesquisado”.

Privilegia-se o enfoque qualitativo, de caráter descritivo, inspirado nos princípios da análise documental como procedimento da pesquisa. No campo educacional, a pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, tem encontrado no materialismo histórico dialético o método mais apropriado para a difusão do conhecimento social em educação, pois busca através da análise qualitativa encontrar soluções para a transformação da realidade vivenciada, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico social.

Estudar o problema tem mais significado durante sua manifestação, nas diversas atividades e procedimentos de interação, do que os resultados que se originam a partir

da pesquisa. Em relação ao pesquisador, tem como foco especial o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, buscando extrair as principais perspectivas dos participantes.

Por fim, a análise de dados segue o método indutivo no processo de investigação. Sobre as vantagens desse tipo de pesquisa, Camilo E. (2017) trata da questão custo – benefício de uma pesquisa qualitativa.

uma das principais vantagens desse método é o fácil acesso aos sujeitos por um baixo custo, fator este que levei muito em conta no momento da minha opção. Realmente, caso fizesse entrevistas presenciais, teria que empreender vários deslocamentos para chegar até os sujeitos, já que o território abarcado é deveras amplo, o que se tornaria bastante oneroso, inviabilizando o estudo.

Com base nestas proposições, este trabalho fundamenta-se nas respostas enviadas pelos cursistas, através do questionário on line, preparado e enviado a eles pela pesquisadora e nas avaliações feitas por eles ao término do Curso.

Fundamenta-se também nas reflexões trazidas pela pesquisadora, de autores envolvidos com a modalidade, sobre a importância da formação inicial e continuada e, nas reflexões pessoais advindas de conversas com educadores da EJA preocupados também com uma formação que atenda realmente às peculiaridades da modalidade.

.A ideia da pesquisa surgiu de um diálogo com a coordenadora do Curso de Extensão avaliado, que sugeriu uma pesquisa sobre os impactos do Curso na prática pedagógica dos cursistas concluintes.

Como o Curso foi oferecido aos alunos da graduação e das diferentes licenciaturas da UERJ, de outras universidades, aos professores da EJA/RJ e outros profissionais ou estudantes interessados no assunto, buscamos coletar os dados voltados a análise do Curso de Extensão: “A Atualidade da Alfabetização de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades”, junto aos participantes.

A professora coordenadora do Curso de Extensão enviou previamente um email aos cursistas, apresentando a pesquisadora e o objetivo da pesquisa. Num segundo momento a pesquisadora se apresentou ao grupo e enviou o questionário elaborado através do Google Forms, para que, os que desejassem, pudessem respondê-lo.

Ao aceitarem o convite, os cursistas tiveram acesso ao termo de consentimento livre, onde foram informados que uma vez preenchido o questionário da pesquisa, estavam autorizando a pesquisadora a usar os dados nele contidos. Durante toda pesquisa o anonimato dos participantes foi preservado.

O processo de elaboração do roteiro para a entrevista estruturou-se levando em consideração, as contribuições trazidas pela Coordenadora do Curso, as leituras que fundamentam a formação de professores; a EJA e as questões legais que tratam da modalidade.

Escolhemos a técnica da entrevista por entendermos que ela nos possibilita uma reflexão acerca das opiniões do outro, além de ser um importante instrumento para coleta de dados, independente dos conceitos teóricos e metodológicos de cada pesquisa.

A opção pela entrevista, também se justifica pelo fato de reconhecermos que a linguagem nos distingue tendo uma abrangência social importante, principalmente ao se tratar de educação.

2.1. Enfoque metodológico

Dentre as diferentes formas de se efetivar a pesquisa, o método escolhido para esta foi de natureza empírica. Para tal optamos por desenvolver um estudo de caso, particular e específico de modo a caracterizar os aspectos associados à questão problematizadora e aos objetivos da investigação já enunciados.

O estudo de caso baseia-se no trabalho de campo. Estuda uma determinada entidade no seu contexto real, tirando todo partido possível de fontes múltiplas de evidência com entrevistas, observações, documentos e outros. Tem como vantagem apoiar-se numa orientação teórica bem definida.

Pode seguir uma das duas perspectivas essenciais: uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes e uma perspectiva pragmática, cuja intenção fundamental é proporcionar uma perspectiva global, tanto quanto possível, completa e coerente.

Mas o estudo de caso produz sempre um conhecimento de tipo particular em que, como diz Erickson (1986) se procura encontrar algo de muito universal no mais particular. Neste contexto foi necessário tomar algumas decisões quanto o caminho a seguir.

Com base na pesquisa qualitativa, estruturamos e organizamos o estudo desenvolvido, optando pela perspectiva interpretativa o que permitiu estabelecer a forma de recolher as informações através dos questionários (entrevistas) e da respectiva análise dos materiais produzidos pelos cursistas ao longo do Curso de Extensão. Posteriormente, efetuamos a descrição dos resultados do trabalho, procurando encontrar conclusões que respondam às questões da investigação.

2.2. Tipo de pesquisa

Optamos pela investigação qualitativa e adotamos a abordagem metodológica da pesquisa – ação com professores das escolas públicas, escolas privadas, ONGs e estudantes universitários, entre outros, que participaram do curso de extensão em uma de suas três últimas edições, buscando romper com a lógica da estabilidade pedagógica para irmos ao encontro de outras possibilidades de se pensar a alfabetização na EJA.

Além das entrevistas, realizamos a análise do trabalho de conclusão de curso, feito e entregue por cada cursista, e analisamos também a auto avaliação, entregue pelos cursistas ao término do curso, à coordenação do mesmo⁶.

Esta pesquisa é um estudo de caso com coleta de dados por meio de documentos e levantamento – entrevista, uma vez que as diferentes opiniões foram apreciadas e analisadas dentro do contexto do Curso em questão, levando-se em consideração todo o referencial teórico citado na pesquisa.

2.3. Descrição do contexto, dos participantes ou população e o período em que a pesquisa foi realizada

⁶ A coordenadora do Curso cedeu os trabalhos e a auto avaliação para análise durante a pesquisa.

De acordo com a questão de investigação e os objetivos já tratados neste estudo, procuramos conhecer a forma como os educadores procedem à integração dos conteúdos abordados no curso de extensão e seus fazeres pedagógicos.

Para melhor conhecer e compreender a comunidade educativa que serviu de base para ao estudo em concretização efetuamos uma caracterização com base nas informações disponibilizadas pela coordenação do Curso de Extensão e recolhida através da consulta aos participantes.

A pesquisa foi realizada com estudantes da Pedagogia e Licenciaturas da Faculdade de Educação da UERJ e de outras instituições universitárias, com alfabetizadores da EJA do município do Rio de Janeiro e de outros municípios, com pessoas que já concluíram a graduação e não estão ligadas a nenhuma instituição e com pessoas sem nenhuma experiência com a alfabetização de jovens e adultos, participantes de uma das três últimas edições do Curso de Extensão oferecidas pela UERJ.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Maracanã está localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro e recebe alunos das mais variadas localidades e até de outros municípios. É uma universidade com boa classificação na CAPES e possibilita a seus graduandos atividades de pesquisa, na área da EJA, através de seu Departamento de Educação para a Diversidade. A UERJ, além de ser uma das poucas universidades que oferecem a disciplina EJA, como obrigatória em sua graduação, têm uma visibilidade nacional positiva, principalmente na área da EJA.

A universidade sediou o primeiro Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos (Fórum EJA/RJ) no Brasil. Fato que ganhou reconhecimento e serviu de modelo aos demais estados brasileiros. Atualmente temos Fóruns de EJA em todos os estados e no Distrito Federal. Durante muitos anos a UERJ acolheu o Fórum EJA/RJ secretariando suas ações e cedendo seus auditórios para as reuniões do Fórum. Isso reforçou o fato da universidade, ainda hoje, ser apontada como uma referência na área.

Como o Fórum EJA também tem o caráter formativo, muitas pesquisas sobre a alfabetização na EJA foram apresentadas neste espaço. Isso contribuiu para que o Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada pudesse pensar num curso de extensão voltado para a alfabetização, na modalidade.

Desta forma procuramos fazer a análise do conteúdo do curso, de maneira descritiva, sistemática e objetiva realizando inferências válidas através dos dados coletados na pesquisa. O projeto de extensão surgiu como uma forma de atender as demandas dos educadores da EJA e interessados no tema alfabetização, de realizar uma formação que pudesse contribuir com a ação pedagógica dos educadores.

A necessidade da formação foi reforçada pela grande procura na primeira edição do curso oferecido pela UERJ, superando as expectativas, pois foram cerca de 600⁷ pessoas interessadas. Este fato colabora com a necessidade de discussão e estudos sobre as áreas da formação e da alfabetização na EJA.

A pesquisa foi realizada através de unidades de amostragem, com os participantes do Curso de Extensão, nas suas três últimas edições, oferecidas pela universidade nos anos de 2018 e 2019. Todos foram convidados a participar da pesquisa respondendo a um questionário onde o anonimato foi mantido.

Estes cursistas foram contatados e motivados a responderem um questionário avaliativo sobre o Curso de Extensão. Além disso, os trabalhos entregues à Universidade, como atividades complementares de carga horária do Curso de Extensão foram gentilmente cedidos pela coordenadora do Curso à pesquisadora, para análise.

O questionário foi criado através do Google Forms e o link de acesso ao mesmo foi enviado por e-mail a todos os cursistas. Dezenove pessoas se interessaram em participar da pesquisa e responderam o questionário.

2.4. Estudo

2.4.1. Coleta de dados

Para a concretização de qualquer investigação é necessário proceder a coleta de informações de forma credível de modo a tornar o estudo válido.

O processo de coleta de informações baseou-se no retorno dado por dezenove cursistas, que participaram de uma das três últimas edições do Curso de Extensão e se dispuseram a responder ao questionário enviado previamente.

⁷ Dado fornecido pela coordenação do Curso de Extensão.

Os cursistas são, na sua maioria, graduandos da pedagogia e demais licenciaturas. Além disso, temos alfabetizadoras da EJA do município do Rio e pessoas que já concluíram sua graduação, mas não lecionam na EJA.

A concretização das entrevistas efetivou-se através de um questionário enviado pelo Google Forms.

É importante ressaltar que esses questionários tiveram como principal objetivo caracterizar o ponto de vista dos entrevistados sobre o Curso de Extensão.

No quadro II está sistematizado o formulário da entrevista utilizada e que serviu de fio condutor para a mesma.

Quadro II
Formulário da Entrevista

Blocos	Objetivos específicos	Questões
1- Legitimação	<p>Clarificar o objetivo da pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Garantir a confidencialidade das informações recolhidas • Garantir o direito à privacidade e ao anonimato • Agradecer a participação 	<p>Esta entrevista tem como objetivo recolher informações sobre a influência do Curso de Extensão nos saberes e fazeres do educador da EJA. Enquadra-se na concretização de um trabalho de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação, da Universidade UNEATLANTICO e está vinculada a linha de pesquisa: Aprendizagem Colaborativa na Formação de Professores. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, visando</p>

		<p>assegurar o sigilo de sua participação. A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos, os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos participantes.</p> <p>Ao continuar a responder o questionário, você declara ter recebido as informações sobre a pesquisa e seus objetivos e consente participar deste estudo.</p>
2- Identificação	<p>Conhecer, em linhas gerais, o perfil dos cursistas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar o perfil dos cursistas levando em consideração: o gênero; a formação acadêmica; experiência como alfabetizador na EJA; se atua na EJA, em que tipo de instituição 	<ul style="list-style-type: none"> • Como você se identifica em relação ao gênero? • Qual a sua formação para a docência? • Você atualmente está atuando como alfabetizador na EJA? (em caso negativo explicitar) • Tipo de instituição que você atua com a EJA:
3- Integração do tema nas atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se as ferramentas e estratégias 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise das contribuições do Curso de Extensão

oferecidas pelo Curso	utilizadas durante o Curso foram privilegiadas pelos entrevistados, nas suas práticas letivas.	para sua prática pedagógica (quanto as questões práticas trabalhadas)
4- Quanto a infraestrutura do Curso	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se o local do curso foi de fácil acesso; • Avaliar o grupo de professores dinamizadores do curso; • Avaliar o tempo de duração do curso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise da carga horária do Curso; • Avaliação do local do Curso: entorno, acesso e segurança; • Avaliação do grupo de professores: domínio do tema; interação com o grupo, empatia e feedback.
5- Temas abordados: sugestões para próximas edições do Curso	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar temáticas pertinentes ao tema que possam agregar nas próximas edições do Curso 	<ul style="list-style-type: none"> • Dentre os temas abaixo, qual (is) você sugere para uma nova versão do Curso de Extensão: <ul style="list-style-type: none"> a- A Educação Inclusiva e a Alfabetização na EJA; b- A Alfabetização na EJA, no pós pandemia; c- O uso das TICs na alfabetização de Jovens e Adultos d- A aprendizagem colaborativa no

		<p>processo de Alfabetização de Jovens e Adultos;</p> <p>e- A relação intergeracional no processo de Alfabetização de Jovens e Adultos;</p> <p>f- O lugar da afetividade na Alfabetização de Jovens e Adultos</p> <p>Sugestões de temas que não foram contemplados acima.</p>
6- Perspectivas futuras	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se há o desejo de continuidade dos estudos na área 	<ul style="list-style-type: none"> • Você tem vontade de se especializar na EJA, através de curso de Especialização ou Mestrado? • Qual a probabilidade de recomendar o Curso de Extensão às outras pessoas?

2.4.2. Métodos e análise dos dados

Quando se quer desenvolver estudos onde se pretende analisar informação escrita deve-se recorrer à análise do conteúdo. Este método permite a superação de incertezas e o enriquecimento da leitura, ou seja, permite verificar se a interpretação de

determinada informação é correta e generalizável, bem como, permite a clarificação de alguns conteúdos.

A análise de conteúdo como técnica de análise tem como campo de aplicação as diferentes formas de comunicação linguística. É, pois um campo de aplicação muito vasto.

A descrição analítica baseia-se numa análise de significados e também de significantes, ou seja, consiste numa análise do conteúdo das mensagens por procedimentos sistemáticos e objetivos.

O tratamento descritivo constitui uma primeira fase do procedimento segundo Bardin (2009) e nele são definidas categorias que vem a ser a base do processo de análise, o que permite a classificação dos elementos de significação que constituem a mensagem.

A análise do conteúdo pode ser caracterizada por várias fases: a descrição, a interpretação e a inferência. Esta última é uma etapa intermediária que possibilita a passagem explícita e controlada entre as duas primeiras.

Ela pressupõe a pré-análise, a exploração do material, o tratamento e interpretação dos resultados obtidos. Isso ajuda-nos a tornar a interpretação dos dados mais clara.

A definição de categorias de análise é uma fase muito importante de simplificação do material coletado, pois permite fazer inferências sobre as mensagens cujas características foram catalogadas e sistematizadas, permitindo assim fazer uma interpretação dos dados obtidos.

Essa inferência, conforme salienta Bardin (2009) permite a passagem da descrição à interpretação, através da atribuição de sentido às características do material recolhido.

Depois de definido o problema e os objetivos, a metodologia utilizada estruturou-se seguindo as seguintes etapas:

Definição das categorias à priori;

Leitura das respostas;

Definição de categorias e subcategorias à posteriori;

Descrição dos resultados;

Apresentação das conclusões.

O trabalho desenvolvido baseou-se na análise qualitativa, levando-se em consideração as dimensões, categorias e subcategorias definidas no Quadro III.

Foram identificadas unidades de análise que, de acordo com Bardin (2209), são as unidades a codificar e correspondem ao segmento do conteúdo a considerar como unidades de base.

Quadro III

Análise qualitativa – Dimensões, Categorias e Subcategorias

Dimensões	Categorias	Subcategorias
1- A formação acadêmicos educadores da EJA	Papel da universidade	Conhecimentos Competências Atitudes e valores
2- O papel do alfabetizador na EJA	Funções do alfabetizador	Orientador do processo
	Competências do alfabetizador	Científica Pedagógica Relacional
	Estratégias	Com ou sem recursos materiais e tecnológicos
3- A importância do Curso de Extensão nos saberes e fazeres do educador da EJA	Cursistas	Construção do conhecimento. Realização das tarefas propostas
	Dinamizadores	Dinamização pedagógica Empatia

Na análise efetuada foram estabelecidas três dimensões:

a- Dimensão I: A formação acadêmica dos educadores da EJA

b- Dimensão II: O papel do alfabetizador na EJA

c- Dimensão III: A importância do Curso de Extensão nos saberes e fazeres do educador da EJA

A dimensão I - A formação acadêmica dos educadores da EJA, identificamos uma categoria: Papel da Universidade.

Na dimensão II - O papel do alfabetizador na EJA, foram identificadas três categorias, a saber: Funções do alfabetizador; Competências do alfabetizador; Estratégias.

Na dimensão III - A importância do Curso de Extensão nos saberes e fazeres do educador da EJA foram identificadas duas categorias: cursistas e dinamizadores.

Complementando o estudo procedemos a análise documental das atividades realizadas pelos cursistas, disponibilizadas pela Coordenação do Curso de Extensão.

Para esse estudo é importante conhecermos também as estratégias adotadas pelos cursistas, de modo a favorecer nossa percepção quanto a prática alfabetizadora e as temáticas apresentadas no referido curso reconhecendo-as como viáveis e aplicáveis.

Segundo Diaz, S e Valdés, V. (2003) a análise documental encarrega-se da análise sobre o conteúdo do documento, orientando-se basicamente na representação, organização e localização das informações. Assim, consideramos que este procedimento complementar permite clarificar os aspectos inerentes à problemática em estudo.

Através da análise de conteúdo das entrevistas e da análise dos materiais produzidos durante o Curso pretendemos caracterizar o ponto de vista dos cursistas sobre a formação inicial e continuada dos educadores da EJA.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dimensão I: A formação acadêmica dos educadores da EJA

Conhecimentos, competências, atitudes e valores.

Quem são os participantes do curso de Extensão?

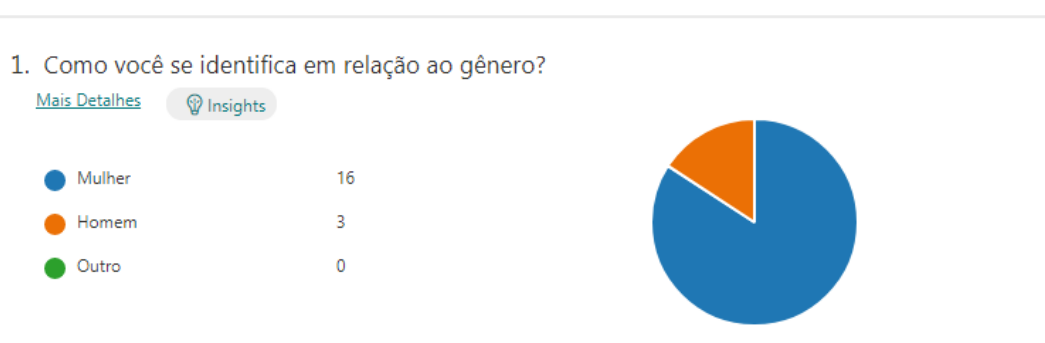


Figura 3.1: Classificação quanto ao gênero dos cursistas.

Iniciamos a análise com um recorte do questionário, ilustrado na figura 3.1, que trata da predominância do sexo feminino no Curso de Extensão. Tal fato ainda é muito comum na área da Educação.

Para melhor compreendermos esse percentual precisamos nos reportar aos anos anteriores à virada do século, nos quais o exercício docente era quase que exclusivo do sexo feminino, alimentado pelo discurso da virtude, abnegação, paciência, sabedoria, porém seguido do baixo salário com a justificativa da jornada parcial de trabalho.

Ao longo do século XX, a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério.

De acordo com o primeiro Censo do Professor⁸, 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres. Levantamento realizado pela Confederação Nacional

⁸ O Ministério da Educação (MEC), por meio de seu Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), realizou em 1997, pela primeira vez em âmbito nacional, o Censo do Professor. O levantamento abrangeu 1.617.611 professores das redes pública e particular de

dos Trabalhadores em Educação (CNTE) com 52 mil professores brasileiros mostra que 97,4% dos docentes de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental são mulheres. Elas ocupam 80,6% das 5ª até as 8ª séries desse ensino e 60,8% do Ensino Médio. A pesquisa da CNTE aponta ainda que entre diretores, coordenadores e supervisores ligados à Educação Básica 90,1% são mulheres.

Embora saibamos que mulheres e homens têm os mesmos direitos fundamentais em razão de sua condição humana e, portanto, devem ter as mesmas oportunidades - preservando as particularidades de cada um dos sexos e têm igual acesso aos benefícios dos bens e serviços presentes na sociedade, na prática, esses direitos, obrigações e oportunidades se materializam de maneiras diferentes entre os sexos nos diferentes espaços da sociedade.

Ainda sobre a questão de gênero no magistério, a figura 3.2 ilustra esses dados mais atuais, do Censo de Educação Superior de 2017, divulgado pelo INEP.

- Percebemos que aluno típico dos cursos de graduação em licenciatura é do sexo feminino e estuda em uma universidade privada.
- Mais de 80% dos estudantes de licenciatura de instituições públicas frequentam cursos presenciais.
- Na rede privada, prevalecem os cursos a distância, com quase 65% dos alunos

ensino básico – mais de 90% da categoria, conforme dados do Inep – e teve como objetivo contribuir para um diagnóstico que orientasse as políticas educacionais. O Censo foi divulgado somente em 1999.

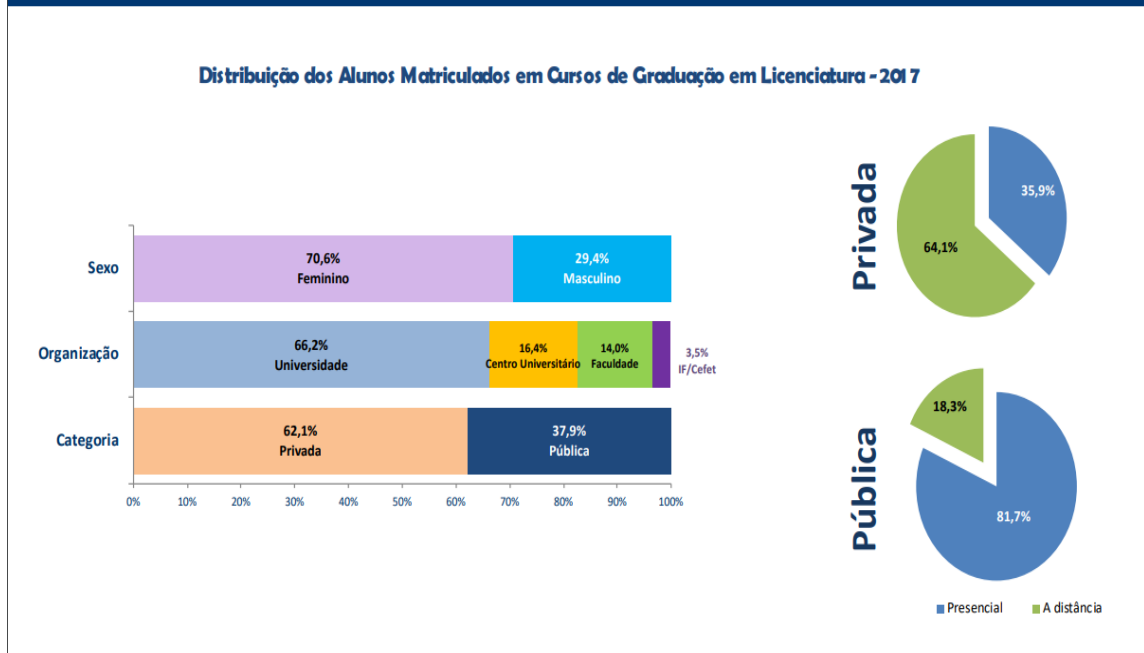


Figura 3.2: Dados do INEP quanto às matrículas nos Cursos de Graduação

Outro dado importante e apontado pelo INEP é o número de concluintes dos cursos de graduação classificados por gênero.

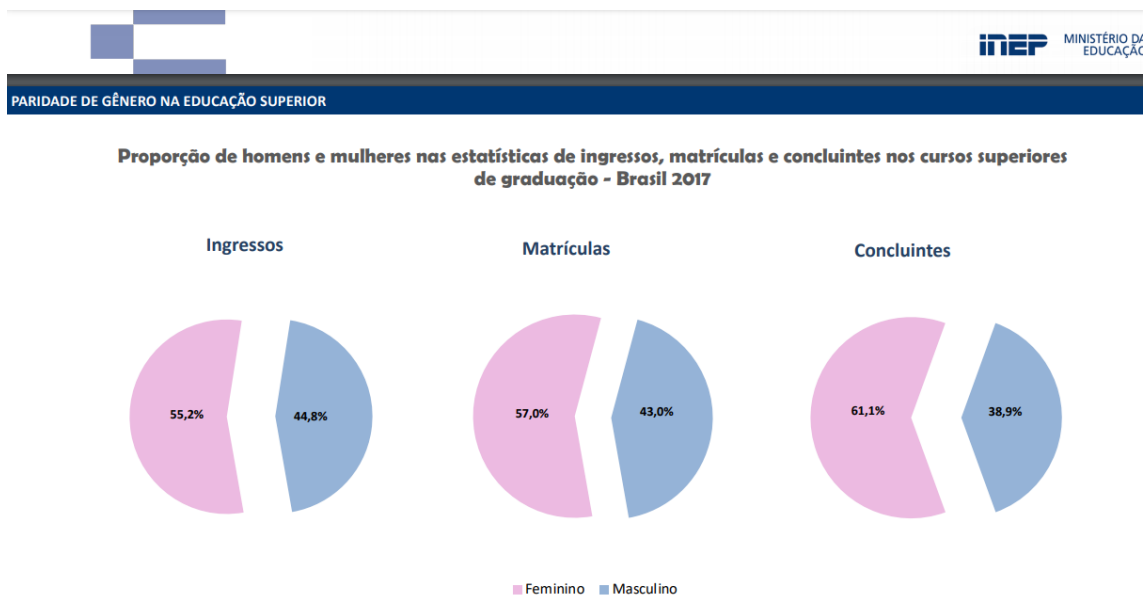


Figura 3.3: Dados do INEP sobre a paridade de gênero na Educação Superior.

Como podemos verificar na figura 3.3, tanto os dados da entrada nos cursos de graduação, quanto das matrículas e de concluintes apontam ainda para a predominância feminina.

Apesar do avanço em termos de igualdade de gênero, ainda encontramos defasagem na graduação.

Outro dado importante a ser analisado é formação básica dos cursistas para a docência.

A figura 3.4 ilustra a predominância da formação em pedagogia na maioria dos cursistas.

Podemos verificar que alguns cursistas, já haviam concluído a graduação, e segundo os relatos apresentados à Coordenação do Curso, por ocasião da inscrição, estavam desempregados e viram no Curso de Extensão uma forma de se aprimorarem e manterem um vínculo com a universidade. Outros não tinham filiação a instituições e fizeram o Curso com uma visão de Curso Livre.

Qual a formação de base desses cursistas?

3. Qual a sua formação para docência?

[Mais Detalhes](#)

● Formação de professores (Esc...	2
● Pedagogia	11
● Licenciatura	4
● Ainda cursando a graduação/l...	7



Figura 3.4: Gráfico sobre a formação docente dos cursistas.

No detalhamento das respostas foram descritas as seguintes situações:

- Ensino Médio Básico. Cursando último período de graduação em Pedagogia pela UERJ.

- Ensino Médio pelo CEJK - Formação de Professores e Graduanda pelo curso de pedagogia - licenciatura pelo ISERJ

- Licenciatura
- Graduação pedagogia
- Graduação em pedagogia, licenciatura em geografia pela UERJ.
- Formação de professores Graduação em Pedagogia
- Ensino médio básico
- Sou graduada em Pedagogia pela UERJ e Pós Graduada em Gestão de Pessoas pela Signorelli.

- Fiz ensino médio em Formação de Professores no C. E. Heitor Lira e hoje estou concluindo Pedagogia na UERJ.

- Ensino médio básico.
- Graduação e Especialização; universidade Veiga de Almeida Mestrado; UFRJ

- Tenho formação de curso de extensão em alfabetização de EJA pela UFRJ e curso graduação em Pedagogia, atuei como bolsista voluntária no PIBID em EJA durante seis meses.

- Ensino médio e graduação em Química
- Fiz ensino médio formação geral e depois um curso de formação de professores a distância pelo instituto Colonia do Saber. Atualmente faço graduação em pedagogia na Unicarioca, e dou aula para educação infantil em uma rede privada.

- Fiz Curso Normal no Ensino Médio
- Graduanda em Pedagogia, UNIRIO
- Graduação em Pedagogia.
- Graduado também em Ciências Exatas.
- Pedagogia com Pós em Psicopedagogia

Como podemos observar, a maioria dos cursistas tem a formação de base na área da educação, seja através do Curso de Formação de Professores, em nível de Ensino Médio, ou através de uma licenciatura, além da própria Pedagogia. Apenas dois cursistas entrevistados têm o Ensino Médio Básico, porém demonstraram interesse em participar de um Curso de Extensão na área da Educação.

Ainda na Dimensão I, vemos a importância de tratarmos as atitudes e valores, com resultados registrados através de outra atividade realizada durante o Curso e que fora estendida às três edições.

A atividade proposta foi a do Autorretrato, onde cada cursista deveria se descrever. Tal atividade suscitou um conhecimento singular dos participantes. Cada participante buscou se descrever de uma forma diferente, o que enriqueceu a atividade.

Ao retratarem um pouco de si e de suas vidas, cada um falou do seu processo de formação e como isso impactou em suas vidas.

A seguir apresentamos figuras que são recortes de alguns textos produzidos na atividade:

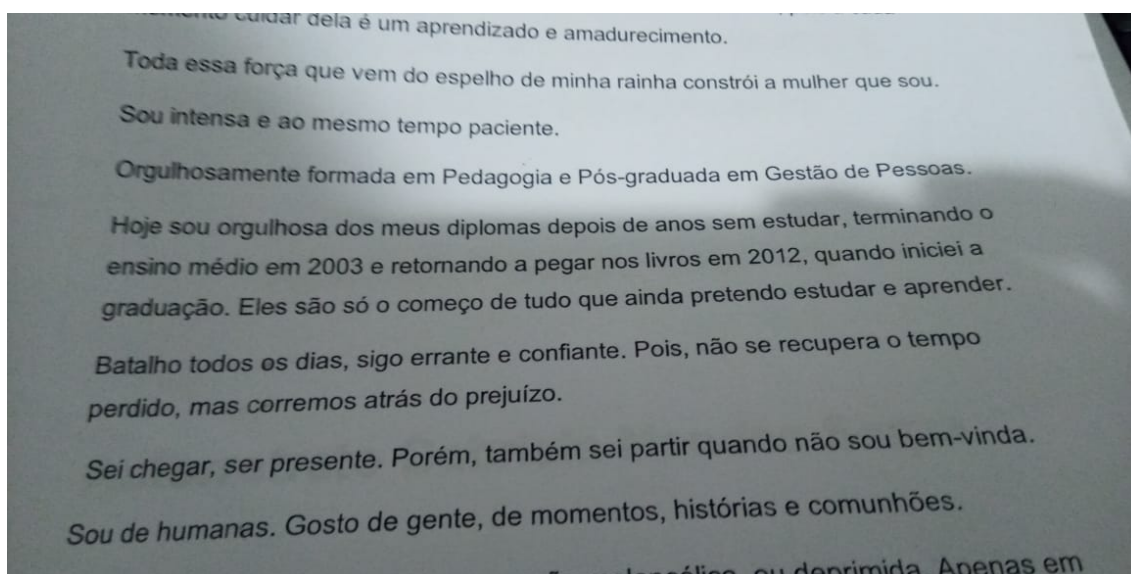


Figura 3.5: Trecho do autorretrato que trata da formação

CRESCER NA PRAÇA AS SUAS ANDANÇAS
PIPA, CEROL, BOLA E FUTEBOL.
AOS VINTE E TRÊS ANOS DE IDADE
PAROU DE ESTUDAR UM DIA, DEPOIS DE 20 ANOS
RETORNOU NA PEDAGOGIA.
INICIOU SUA RECONSTRUÇÃO, COM UMA TRANSFORMAÇÃO.
HOJE COM UMA FILHA DE 12 ANOS,
PRETENDE CUMPRIR SUA GRADUAÇÃO.
NÃO QUER PARAR NOS QUATRO ANOS ESTUDADOS,
QUER SEGUIR O MESTRADO E TAMBÉM O DOUTORADO.

Figura 3.6: Trecho do autorretrato que trata sobre a formação e o desejo de continuar os estudos

... não ficando para trás, sendo vencidos a cada etapa.
O tempo passa e, como em "Exames Sus", a família cresce, diminui, aumenta ^{sempre a} diminui e se modifica. São mistérios que nem mesmo Monsieur Hercule Poirot seria capaz de desvendar.
Muitas coisas se passaram, mais de "20.000 línguas submarinas"! Mistérios, romances, filósofos, judeus e que poderia caber na casa de "livreiros de Cabul".
Como a profissão já estava escolhida, "professora sim, tia não", a necessidade de conhecimento surge/urge. Então, "pedagogia e pedagogos para que?"
Para, entre tantas outras coisas, compreender a existência de uma "história social da criança e da

Figura 3.7: Trecho do autorretrato sobre o porquê da escolha da graduação em pedagogia.

As figuras 3.5, 3.6 e 3.7 ilustram o quanto o desejo por cursar uma graduação era pulsante. A valorização do curso superior e a vontade em dar continuidade aos estudos marcam a vida de cada cursista.

Muitas pessoas têm dúvidas sobre seguir ou não a profissão docente. Entretanto, ainda que enfrente alguns desafios em sua carreira, e apesar de muitos considerarem uma profissão decadente e de baixa remuneração, esta profissão vem contando com uma valorização profissional crescente e resultando em melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Com o advento da pandemia que atingiu o mundo, muitos tiveram que se reinventar; os pais tiveram que ficar com seus filhos e as casas viraram espaços escolares. Com isso, o reconhecimento ao trabalho do educador ressurgiu.

O educador passou a ser reconhecido como peça fundamental para a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento, seja em que área for.

Na área da EJA, esses educadores são indispensáveis para na formação global dos jovens e adultos.

Se tomarmos a lógica da educação ao longo da vida e entendermos que sempre existe o que aprender, o espaço para os docentes no mercado de trabalho existe. Esse é outro fator que explica a crescente valorização desta profissão. Principalmente considerando o contexto de que a educação é uma das maiores preocupações da sociedade.

Apesar desse reconhecimento, os dados educacionais mostram que ainda não conseguimos atrair os alunos do Ensino Médio com melhor desempenho para a docência; nossos cursos de formação inicial não preparam o futuro docente para os desafios que ele encontrará em sala de aula. Tais cursos sequer mantêm os graduandos até o término. Segundo pesquisa divulgada pelo site Todos Pela Educação⁹ (2018), “no País, de cada 100 ingressantes em Pedagogia, apenas 50 se formam e, destes, somente 27 seguem na carreira”.

Além disso, quando já estão inseridos no mercado de trabalho, os docentes precisam trabalhar em mais de uma escola, para compor a carga horária, ou para aumentar a renda. Desta forma acaba ficando sem tempo suficiente para se dedicar ao desenvolvimento profissional e ao trabalho colaborativo com os colegas.

⁹ Organização da sociedade civil com o objetivo de mudar a qualidade da Educação Básica no Brasil. Sem fins lucrativos, não governamental e sem ligação com partidos políticos, são financiados por recursos privados, não recebendo nenhum tipo de verba pública.

Mas, mesmo com todas as dificuldades, podemos verificar a valorização dada pelos cursistas, às contribuições do Curso de Extensão.

Quais as contribuições do Curso de Extensão para a formação pessoal?

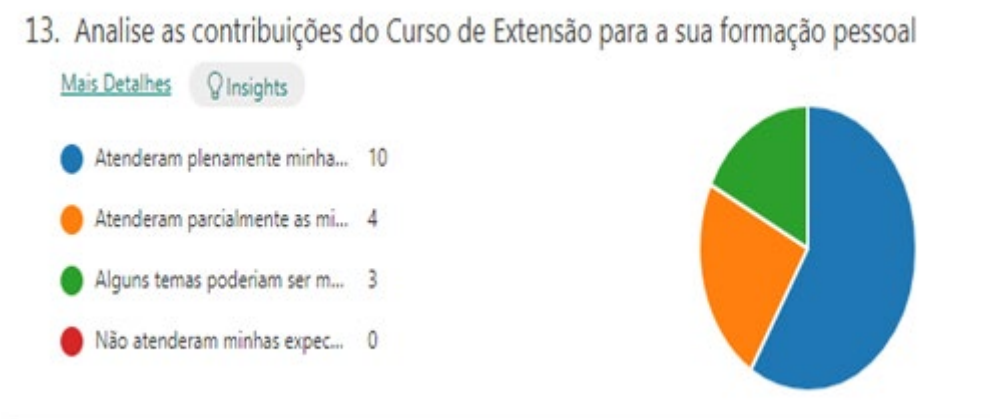


Figura 3.8: Análise das contribuições do Curso de Extensão para formação pessoal.

Como se observa na figura 3.8, mais de cinquenta por cento dos cursistas tiveram suas expectativas com relação do Curso de Extensão atendidas.

Levando-se em consideração a diversidade acadêmica do grupo analisado, o retorno dado sobre as contribuições do curso de extensão, onde a maioria considerou-se plenamente satisfeita, verificamos que nossos cursistas têm o desejo de ampliar seus conhecimentos e ainda veem na universidade essa possibilidade.

Nesse sentido, tanto a formação inicial quanto a formação continuada são espaços que podem possibilitar a atualização de referências teóricas, inovando conceitos que contribuirão para a construção de problemáticas didáticas inovadoras e mais condizentes com os educandos da modalidade em questão.

Dimensão II - O papel do alfabetizador na EJA

Funções do alfabetizador; Competências do alfabetizador; Estratégias.

Neste tópico apresentamos as figuras 3.9, 3.10 e 3.11 que ilustram recortes de outra atividade também realizada durante o Curso de Extensão onde os cursistas

deveriam evocar à memória, o seu momento enquanto alfabetizando, traçando considerações sobre o processo de alfabetização e o que estavam estudando no Curso.

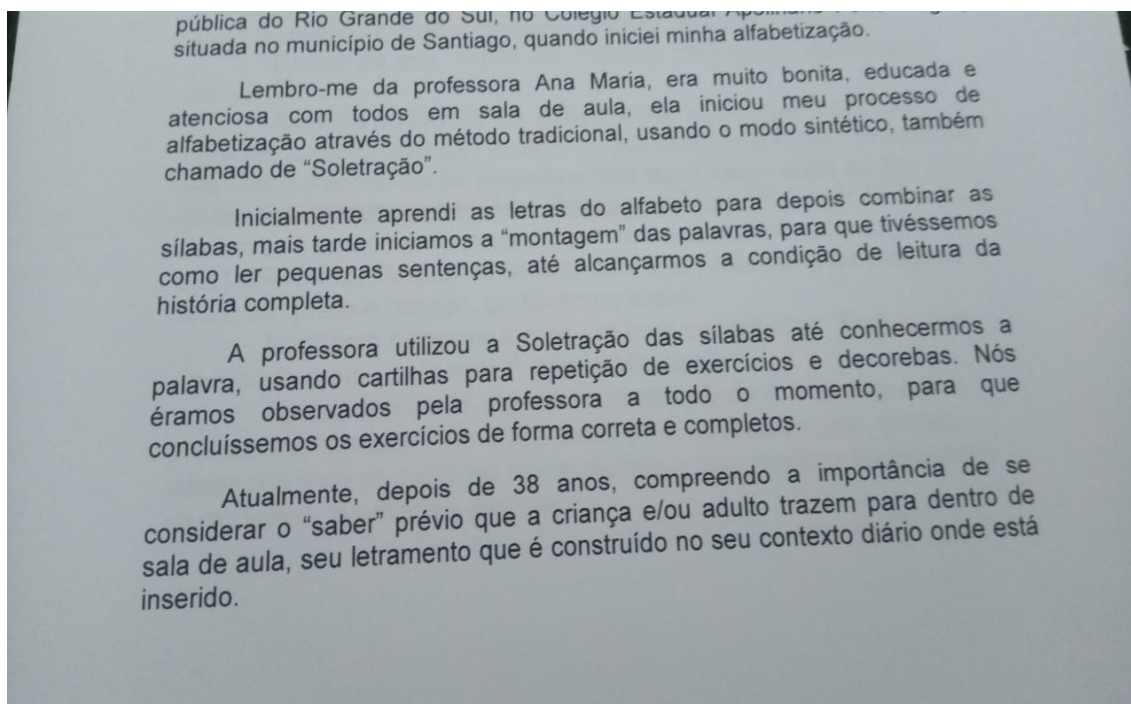


Figura 3.9: Trecho sobre o resgate do processo de alfabetização vivido pela cursista

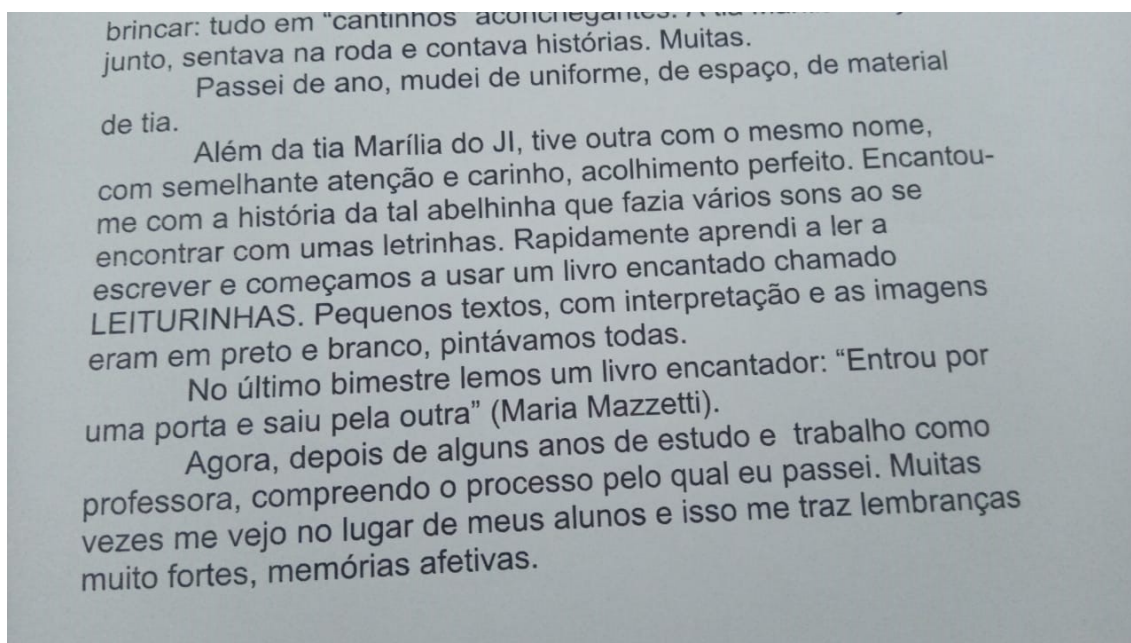


Figura 3.10: Trecho sobre o resgate do processo de alfabetização contrapondo com a prática pedagógica da cursista.

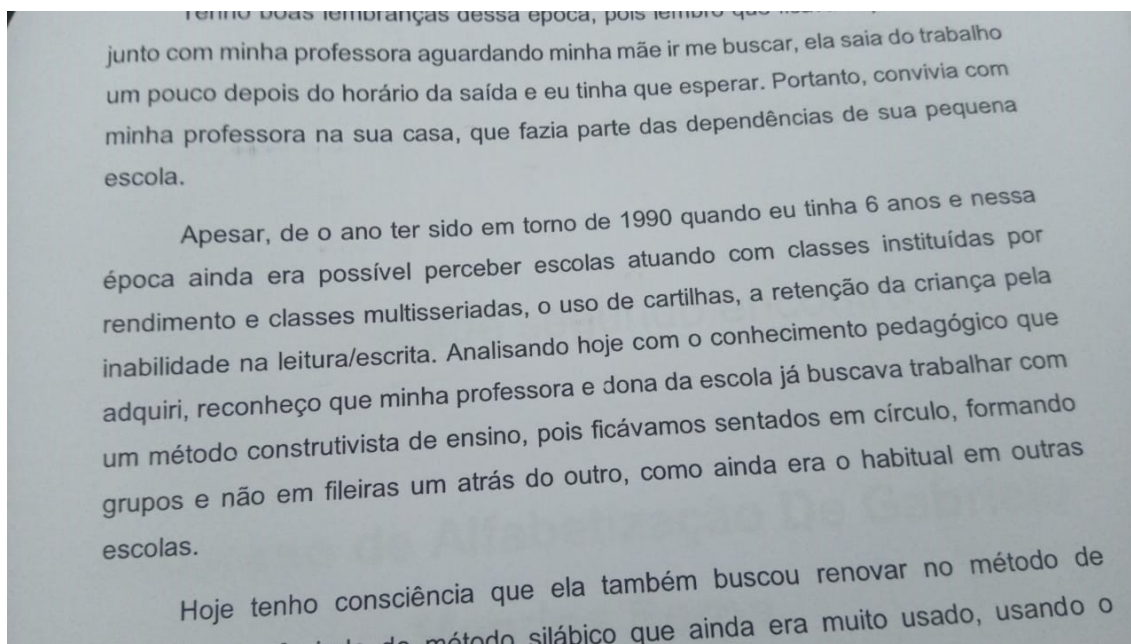


Figura 3.11: Trecho sobre a análise da prática pedagógica vivenciada pela cursista.

Além do carinho que percebemos no relato de cada cursista, o reconhecimento dado ao trabalho realizado por cada alfabetizador citado, também é visível. Isso demonstra o quanto a afetividade é importante, principalmente no processo de alfabetização.

Esta atividade levou os cursistas a se reconhecerem como alfabetizadores em busca de aprimoramento e novas descobertas. O aporte teórico apresentado nos relatos serve como indicador de redirecionamento nas concepções e práticas.

Essa aquisição facilita a articulação entre competências e habilidades, no saber fazer desses profissionais. Nesse sentido, é recomendável que esses profissionais invistam na ressignificação da prática pedagógica, aprofundando aspectos teóricos e práticos, na compreensão de que educação não é apenas um processo instrucional, mas um investimento formativo.

É importante também percebermos que a educação vai além do sentido formalista e cientificista, implicando processos múltiplos e singulares de construção do conhecimento. Esse elo de integração se constituirá na possibilidade de melhoria da prática pedagógica, a partir dos estudos coletivos e troca de experiências, ajudando na compreensão do pensamento crítico sobre a prática docente na EJA, permeada por suas singularidades e peculiaridades.

A figura 3.12 exemplifica a importância de conhecermos o educando da EJA e valorizarmos o que ele traz consigo. Ela resulta de outra atividade do curso onde os participantes deveriam fazer uma análise sobre a escrita dos educandos da EJA.

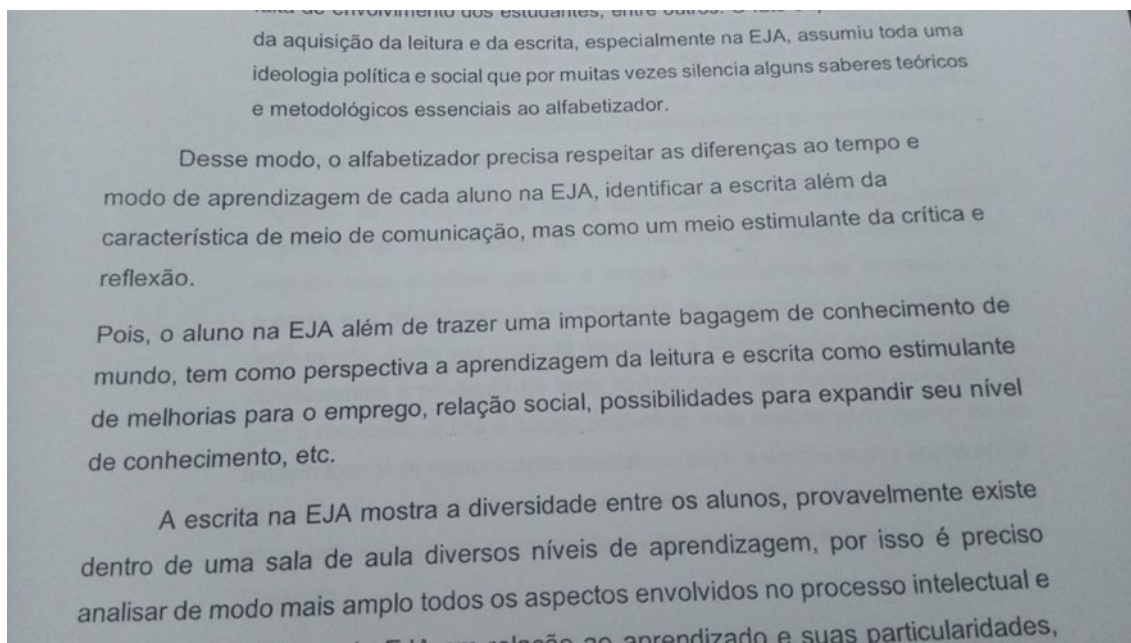


Figura 3.12: Trecho sobre a análise da escrita na EJA

É importante entendermos que a escrita reveste-se de valor social para a sociedade em geral, mas, para os não alfabetizados, pode ser vista como um atributo de valor das classes abastadas: “Como ler e escrever não é para a sua classe social, estar na escola é usurpar um lugar que não lhe pertence”.

Segundo Armellini (2008, p. 7) é compreensível que jovens e adultos não alfabetizados ressintam-se por não saberem ler e escrever convencionalmente, o que repercute em sua face positiva enquanto esfera de desejo de reconhecimento e aprovação, e em sua face negativa enquanto esfera de desejo de autonomia.

Para Barbosa (2005b, p. 1):

O fato de vivermos em uma sociedade que supervaloriza a escrita, em detrimento da fala, leva os indivíduos que não se apropriaram das tecnologias da escrita a desenvolverem expectativas tanto em relação à imagem que eles têm de si enquanto pessoas não alfabetizadas como em relação à imagem que lhes é atribuída pelos outros.

Além disso, o trecho da figura 3.12 possibilita analisarmos que, além da abordagem da questão da escrita, a figura traz um dado muito interessante e que merece atenção: as diferenças no modo de aprender.

É muito importante que o educador da EJA conheça as diferentes realidades de seus educandos e suas variáveis de aprendizagem. Esse educando traz em sua bagagem as mais diversas experiências adquiridas dentro e fora da escola, através das suas mediações com o ambiente, das suas experiências de vida, das experiências de outras pessoas e em vivências escolares anteriores.

Essas experiências em alguns casos deixam marcas profundas no educando e repercutem em seu caminhar ao longo da vida, fazendo com que o mesmo chegue a desvalorizar a si mesmo e não perceba sua capacidade de conhecer e transformar a si mesmo.

O sentido da aprendizagem para o educando da EJA está em ter alguém para valorizar seus conhecimentos anteriores, usá-los e alcançar novos conhecimentos que sejam úteis para sua vida e façam com que ele conquiste seus objetivos.

Apesar de seu prestígio social, a escola não é a detentora do saber, o que faz com que o ensino mútuo entre educador e educando seja mais amplo quando ambos têm grande liberdade e compartilham experiências.

Dimensão III - A importância do Curso de Extensão para os cursistas e a visão que tiveram dos dinamizadores.

Quais as contribuições para a prática pedagógica dos cursistas?

11. Analise as contribuições do Curso de Extensão para a sua prática pedagógica

[Mais Detalhes](#)

● Foram muito boas	16
● Foram boas	2
● Poderiam ter sido mais explor...	2
● Poderia ter uma carga horária ...	5



Figura 3.13: As contribuições do Curso para a prática pedagógica dos cursistas.

Tal como se observa na figura 3.13, do universo de questionários respondidos, dezesseis cursistas responderam que o Curso proporcionou contribuições muito boas às suas práticas pedagógicas. Isso leva-nos a pensar que mais da metade da amostra pesquisada considerou-se satisfeita e recebeu contribuições significativas à sua prática pedagógica na EJA.

Pelo exposto evidencia-se, por parte dos educadores, a importância da formação continuada, já que esta pode complementar de maneira crítico-reflexiva a ação docente. Esse aparato parece fortalecer a compreensão da realidade, dotando os educadores de condições concretas, para produzirem e socializarem conhecimentos junto aos educandos jovens e adultos.


Estas opiniões suscitam também, a importância do desenvolvimento de uma formação continuada, na perspectiva de desenvolvimento profissional docente, enquanto oportunidade de reelaborar conhecimentos já internalizados, transformando-os em estratégias para o exercício docente.

Nessa ótica, percebe-se que a construção do ensino-aprendizagem deve envolver ação e mediação, entre o educador e os sujeitos da sua ação. Faz-se necessário que, ao invés de aprender, na formação continuada, apenas o “como fazer”, seja privilegiada a reflexão crítica sobre os problemas relacionados com a prática de sala de aula, fundamentando concepções e práticas docentes, levantando questões e princípios subjacentes às teorias da educação.

Quais as contribuições para a formação pessoal?

13. Analise as contribuições do Curso de Extensão para a sua formação pessoal

[Mais Detalhes](#)

 Insights

- Atenderam plenamente minha... 11
- Atenderam parcialmente as mi... 4
- Alguns temas poderiam ser m... 4
- Não atenderam minhas espec... 0



Figura 3.14: Contribuições do Curso de Extensão para a formação pessoal

No que tange a formação pessoal, a figura 3.14 ilustra a predominância da maioria dos cursistas colocando-se como plenamente satisfeita. Isso corrobora com o que vimos anteriormente, sobre a importância da formação, tanto inicial quanto continuada.

Apesar de alguns cursistas não estarem atuando com a EJA, no momento do curso, a ideia de uma especialização em nível de extensão, ou até mesmo de um curso para acrescentar no currículo demonstra que a necessidade de cursar uma graduação ou especialização é grande.

Mas por onde andam essas pessoas?

A figura 3.15 demonstra que, com os dados divulgados pelo INEP, ainda há espaços nas universidades que não são ocupados pelos interessados nos cursos de graduação.

VAGAS OFERECIDAS PARA INGRESSO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO - 2017

Número de Vagas em Cursos de Graduação, por Modalidade de Ensino e Tipo de Vaga, segundo a Categoria Administrativa - 2017

Categoria Administrativa	Vagas de Cursos de Graduação											
	Total Geral				Presencial				A distância			
	Total Geral de Vagas	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes	Total	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes	Total	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes
Total Geral	10.779.086	7.900.060	9.429	2.869.597	6.075.252	3.857.572	7.968	2.209.712	4.703.834	4.042.488	1.461	659.885
Pública	823.843	655.033	3.953	164.857	688.767	526.169	2.637	159.961	135.076	128.864	1.316	4.896
Federal	483.137	380.618	2.857	99.662	420.848	322.205	1.562	97.081	62.289	58.413	1.295	2.581
Estadual	238.629	194.428	787	43.414	198.129	155.762	766	41.601	40.500	38.666	21	1.813
Municipal	102.077	79.987	309	21.781	69.790	48.202	309	21.279	32.287	31.785	0	502
Privada	9.955.243	7.245.027	5.476	2.704.740	5.386.485	3.331.403	5.331	2.049.751	4.568.758	3.913.624	145	654.989

Fonte: Inep - Censo da Educação Superior.

Figura 3.15: Dados do INEP sobre as vagas oferecidas para o ingresso na graduação

Segundo os dados apontados pelo INEP no último Censo em 2017, há um número grande de vagas remanescentes, principalmente nas universidades públicas nos cursos presenciais, da graduação. Isso nos leva a questionar como essas vagas estão sendo ofertadas, se o horário disponibilizado atende a demanda dos interessados e como essa divulgação vem sendo feita.

Proporção de Vagas Ocupadas, por Tipo de Vaga Oferecida, segundo a Categoria Administrativa - 2017

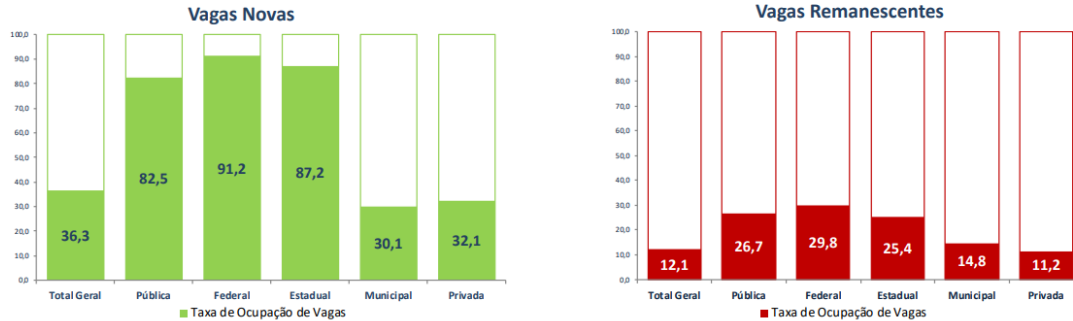


Figura 3.16: Dados do INEP sobre as vagas ofertadas e as vagas ociosas na graduação.

Outro fator que merece destaque é o aumento na procura por cursos à distância, conforme ilustrado na figura 3.16. Segundo o INEP, em 2007 a modalidade a distância (EaD) representava 7,0% das matrículas de graduação. Nos últimos 10 anos, a educação a distância vem aumentando sua participação na educação superior.

Em 2017, a EaD aumentou 17,6% e já atende mais de 1,7 milhão de alunos, o que representa uma participação de 21,2% dos alunos de graduação no país. A modalidade presencial apresenta o 2º ano de queda no número de matrículas.

Com a pandemia do coronavírus, que impôs diversas modificações na educação, como a suspensão das aulas presenciais, o ensino a distância ganhou ainda mais evidência, sendo a principal possibilidade para manter os estudos durante a quarentena.

A redução no valor das mensalidades e no custo geral do curso, visto que há uma economia com transporte e alimentação, é outro indicativo para o aumento nos números. Além disso, a modalidade possibilita conciliar os estudos com outras atividades. Por isso, fica mais fácil trabalhar e estudar, por exemplo.

Sobre os temas trabalhados no Curso de Extensão:

16. Sobre os módulos do Curso de Extensão

[Mais Detalhes](#)

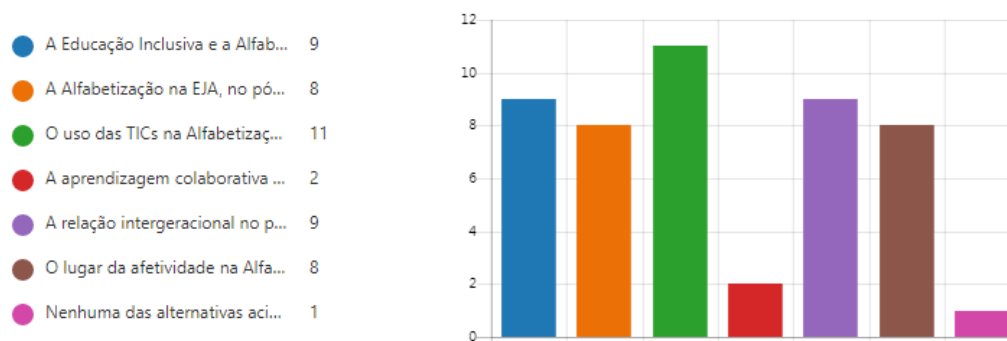


Figura 3.17: Avaliação dos temas trabalhados durante o Curso de Extensão

A figura 3.17 ilustra a preferência pelo tema: Tecnologias na EJA, por parte da maioria dos cursistas, seguido da Educação Inclusiva e da Relação Intergeracional.

Sabemos que na EJA é preciso inovação para que o educando se sinta motivado a estar no ambiente escolar, portanto utilizar de celulares, computadores, dentre outros aparelhos midiáticos faz toda a diferença numa sala de aula. Isso se reforça no fato de que os sujeitos da EJA estão envolvidos nas ações práticas do seu dia a dia, usando essas tecnologias: ida ao banco, ligação por vídeo chamada, uso do controle remoto, dentre outros.

Esses recursos tecnológicos servem para facilitar a vida das pessoas, não para dificultá-la, mas o acesso a eles precisa ser aprendido.

Sobre a Educação Inclusiva, a LDBEN/96 já enfatiza a importância das práticas inclusivas no cotidiano da escola e, da inserção, das adaptações curriculares no seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Compreendendo que o ato de aprender perpassa por toda a vida, a procura pela EJA, por parte dos educandos com deficiência tem se intensificado ao longo dos anos e nossos educadores precisam de suporte para atender aos educandos público da Educação Inclusiva, de forma plena e significativa.

A questão geracional é outro ponto que vem avançando ao longo do tempo e tem sido tema de muitos estudos.

A maioria dos grupamentos da EJA é formada por jovens e adultos, muitas vezes com idade para serem seus pais ou avós. Nesta heterogeneidade etária, é comum vivenciarmos o conflito intergeracional. Isso porque, por pertencerem a gerações diferentes, apresentam valores díspares e formas de enxergar a escola bem diversas.

Enquanto o adulto geralmente anseia por uma aula na qual o educador assume um papel central e inquestionável, o jovem tende a relacionar-se de forma mais horizontal, apresentando-se questionador dos valores da escola e das gerações que lhe antecederam. O resultado é um conflito muitas vezes difícil de administrar.

Ao tratarmos das questões geracionais, devemos estar atentos aos dois grupos de ponta: os jovens e os idosos. Além disso, temos também os Estatutos do Adolescente e do Idoso, que fundamentam o direito à uma educação de qualidade em ambos os casos. Na análise dos temas tratados nas três edições do Curso de Extensão, os cursistas sugeriram também outros temas para novas edições do curso. Vejamos:

- Acho que a questão da educação inclusiva e especial não foi abordada. É um tema, que ao meu ver, é bastante importante ser contemplado para pensarmos qualquer modalidade da educação ou segmento de ensino.
- A formação continuada dos professores, nas práticas do cotidiano da Escola.
- Gostei muito do curso, embora não atue na EJA no momento. Acredito que alguns tópicos poderiam ser melhor explorados tentando aprofundar um pouco mais o conteúdo, no entanto outros cursos como os com as temáticas sugeridas acima seriam bem interessantes.
 - Assim que tiver esses temas, gostaria de fazer esse curso
 - Vida profissional e a Educação de Jovens e Adultos.
 - Como recuperar alunos evadidos
 - A importância da especialização docente, a busca docente em ampliar o conhecimento.
- O tema/título do curso de extensão na próxima versão, não deve ser alterado. Porém, cada um dos temas acima, podem e devem fazer parte como conteúdos deste curso.

Nos temas sugeridos, percebemos que o estudo sobre a Educação Inclusiva não foi esgotado, merecendo maior aprofundamento, pelo menos na visão de um dos cursistas.

.A importância de se discutir a evasão escolar também aparece e é outro assunto que já é uma marca na EJA. Há vários caminhos que apontam para essa evasão. Um deles pode ser devido a conflitos entre o projeto político-pedagógico (PPP) da escola e o perfil dos educandos atendidos nesse segmento de ensino.

Outro fator a se considerar pode ser a tendência de desconsiderarmos as particularidades dos educandos, como a idade e a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Enfim, são temas que realmente merecem mais estudos e pesquisas e ficam como sugestões.

Sobre a formação continuada, também apontada como um tema a ser tratado, o recorte a seguir demonstra a intenção da maioria em se especializar.

Há o desejo de continuar os estudos sobre a EJA?

18. Você tem vontade de se especializar na EJA, através de um curso de Especialização ou Mestrado?

[Mais Detalhes](#)


 Insights



Figura 3.18: Continuidade dos estudos sobre a EJA

A figura 3.18 ilustra o interesse, por parte dos cursistas, na ampliação dos seus saberes, e isso pode ser uma resposta ao que está previsto no Plano Nacional de Educação – Meta 13, que trata da importância dos cursos de especialização, mestrado e doutorado, na formação profissional.

Para tal, é imprescindível o favorecimento de formação permanente aos educadores da EJA. De forma que reflitam sobre as suas práticas, problematizando-as face às constantes mudanças do contexto educacional. Isso só será possível, quando for possibilitado ao educador construir e reconstruir conceitos e procedimentos, que se tornarão fundamentais para que ele possa conviver na sociedade atual.

No sentido de minimizar essa fragmentação dos saberes da prática, é fundamental ressignificar os saberes da formação inicial, elaborando novas bases para a

formação continuada, considerando uma “relação construtivista, contextual, epistemológica, pragmática, não mágica dos saberes” (Perrenoud, 2000).

Dessa forma, a formação profissional requer estudo e delineamento para alternativas de atuação que contribuam para a inovação da prática pedagógica. Tardif (2010) adverte que a função docente se define em relação aos saberes que veicula. Assim sendo, a educação só pode efetivar-se através da mediação de práticas, a partir de um projeto histórico e social, que articule uma base mediadora na formação, dando significado à ação dos educadores.

O desejo por dar continuidade aos estudos está ilustrado na figura 3.19, principalmente no que diz respeito aos cursos de mestrado e doutorado.

O número de matriculados em Pós-Graduação *Scripto Sensu*, é bem maior do que o número de matriculados em cursos Sequenciais de Formação Específica.

ESTATÍSTICAS GERAIS DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR 2017

Estatísticas Básicas	Categoria Administrativa					
	Total Geral	Pública			Privada	
		Total	Federal	Estadual		Municipal
Número de Instituições	2.448	296	109	124	63	2.152
Educação Superior - Graduação						
Curso ¹	35.380	10.425	6.353	3.487	585	24.955
Matrícula	8.286.663	2.045.356	1.306.351	641.865	97.140	6.241.307
Ingresso Total	3.226.249	589.586	380.536	181.665	27.385	2.636.663
Concluente	1.199.769	251.793	151.376	83.951	16.466	947.976
Educação Superior - Sequencial de Formação Específica						
Matrícula	4.248	2.730	121	2.585	24	1.518
Educação Superior - Pós-Graduação <i>Scripto Sensu</i>						
Matrícula	361.530	304.146	210.305	92.217	1.624	57.384
EDUCAÇÃO SUPERIOR - TOTAL						
Matrícula Total	8.652.441	2.352.232	1.516.777	736.667	98.788	6.300.209
Função Docente em Exercício ^{2,3}	380.673	171.231	113.907	50.703	6.621	209.442
Docente em Exercício ^{2,4}	340.027	168.974	113.289	49.208	6.477	182.096

Fonte: Inep - Censo da Educação Superior.

Figura 3.19: Censo da Educação Superior

Outro ponto importante do questionário e que merece atenção é sobre os dinamizadores do Curso. Avaliando os dinamizadores do Curso de Extensão. Neste tópico observamos as seguintes impressões dos cursistas sobre os dinamizadores.

- Acho que essa parte foi a melhor. Os professores eram/são realmente muito bons. Tem uma trajetória de conhecimento da EJA, propuseram atividades muito sensíveis e reflexivas e a troca foi bastante gratificante!

- Amei todos os envolvidos no curso, todos foram carinhos atendiam com muito amor cada aluno.

- Excelentes!!!! Muito bons.
- Foram maravilhosos, muito rico, muita troca, acrescentou muito na minha formação.

- Aulas dinâmicas, muitos relatos de experiência importantes e textos úteis.
- Interatividade fluente.
- Bom
- Ótimos, sempre claras e receptivas.
- Maravilhosos, atenciosos, aulas incríveis e super solícitos.
- Coordenação e Docentes foram sensacionais nos assuntos abordados.
- Simplesmente, maravilhosos!
- Satisfatório.
- Ótimos
- Excelentes e muito preparados !!! Amei
- Excelente.
- Os mediadores, em especial a XXX, foram sensacionais com domínio dos temas propostos, criatividade e empatia

- Maravilhosos.Excelentes!
- Ótimas em quase a totalidade.
- Maravilhosos

Nos chama a atenção a valorização dada, dentre outros aspectos, à experiência dos dinamizadores em sala de aula da EJA, e o fato de proporem sugestões de atividades.

Muitos cursistas além da teoria vão a busca de práticas pedagógicas e de troca de experiências vivenciadas em sala de aula, principalmente por parte dos dinamizadores. Quando o dinamizador dá esse feedback, aproxima o grupo pra si

A resposta positiva da maioria dos cursistas demonstra também, o grau de empatia entre dinamizadores e cursistas. Isso é muito importante para o sucesso de

qualquer formação. Por fim, outro dado da pesquisa que merece ser analisado está ilustrado na figura 3.20.

19. Qual é a probabilidade de você recomendar esse Curso de Extensão a um colega?

[Mais Detalhes](#)

Promotores	18
Passivos	1
Detratores	0

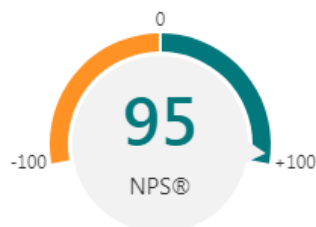


Figura 3.20: Recomendação do Curso às outras pessoas.

Essa avaliação dimensiona a satisfação dos cursistas e o desejo de indicar o Curso às outras pessoas. Entendendo que um curso de extensão é um conjunto de atividades voltadas para a ampliação de determinado conhecimento em uma área, esse curso visa adquirir habilidades ou competências que vão além do currículo básico da graduação.

O curso de extensão tem o objetivo de integrar a universidade e a sociedade. Ele garante uma série de vantagens para a formação profissional do sujeito. Por exemplo, ele permite mais conhecimento antes da entrada na faculdade.

Além disso, o curso de extensão também possibilita a melhoria das habilidades específicas. Durante o trabalho em campo, por exemplo, o cursista pode aprimorar competências que serão úteis na área de atuação escolhida.

Quanto as avaliações finais do Curso de Extensão foram entregues à pesquisadora 58 questionários respondidos pelos cursistas das três edições. Destes dividimos em três blocos, a saber:

- a- Pontos positivos:
 - O nível dos dinamizadores que tiveram sua prática elogiada por quase 100% dos cursistas.
 - As temáticas escolhidas.
 - O local de realização dos Cursos.
 - O horário oferecido.
 - A possibilidade de conhecer a modalidade.

Ilustramos essa parte com alguns recortes das avaliações: Figuras 3.21, 3.22, 3.23 e 3.24

AVALIAÇÃO

Solicitamos sua mais profunda sinceridade ao avaliar nosso curso. A identificação é optativa. Fique à vontade para tecer comentários, críticas e sugestões. Pedimos que avalie a carga horária do curso, o local dos encontros, a dinâmica das professoras, o material trabalhado, a interação entre os participantes, a contribuição do curso para a sua formação etc.

QUE BOM!!! (pontos positivos)

Foi um grande aprendizado, pois tive muitas descobertas, arranquei de mim raízes míticas referente a educação de jovens e adultos, e continuei a luta para que se tenha exercido esse direito à todas.

QUE PENA... (pontos negativos)

Que está acabando, queria mais. Não





Figura 3.21: Análise dos pontos positivos do Curso – Cursista A

(Outubro a dezembro de 2018)

AVALIAÇÃO

Solicitamos sua mais profunda sinceridade ao avaliar nosso curso. A identificação é optativa. Fique à vontade para tecer comentários, críticas e sugestões. Pedimos que avalie a carga horária do curso, o local dos encontros, a dinâmica das professoras, o material trabalhado, a interação entre os participantes, a contribuição do curso para a sua formação etc.

QUE BOM!!! (pontos positivos)

O curso tem vários pontos positivos que ajudaram na qualidade, entre eles o quadro de professoras relacionadas ao discutir os conteúdos. A dinâmica e a liberdade de pensar, debater e trazer informações com as pessoas envolvidas, tanto alunos como professoras foram ótimas.

QUE PENA... (pontos negativos)

A falta de material impresso contendo





Figura 3.22: Análise dos pontos positivos do Curso – Cursista B

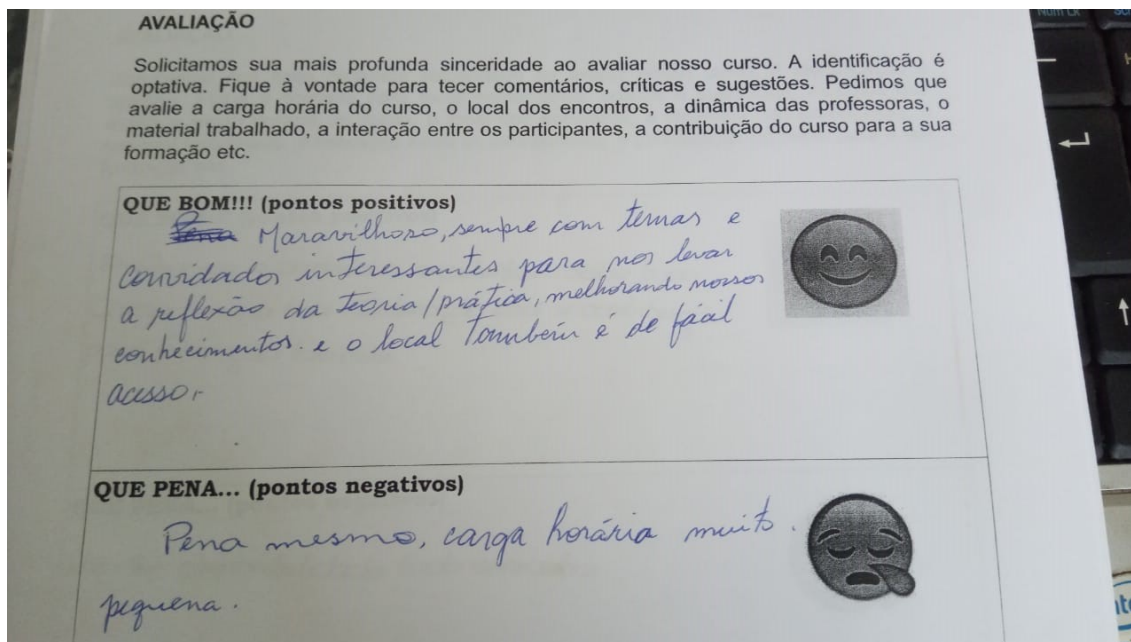


Figura 3.23: Análise dos pontos positivos do Cruso – Cursista C

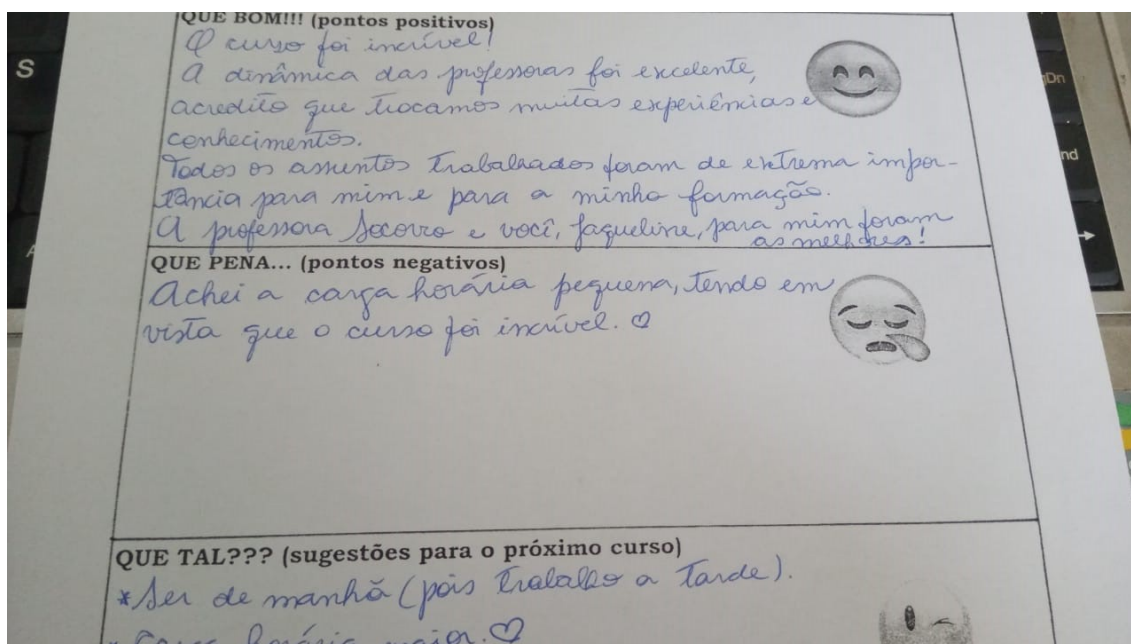


Figura 3.24: Análise dos pontos positivos do Curso – Cursista D

b- Pontos negativos:

- Como pontos a serem melhorados, destaca-se de forma quase que unânime, a carga horária final do curso, que poderia ser ampliada e maior aprofundamento dos temas trabalhados.

c- Sugestões para o próximo curso:

- Como sugestões para próximos cursos, entram a ampliação da carga horária, também como pedido da maioria dos cursistas, além de mudança no dia de oferecimento do curso e ampliação de participantes, conforme registros a seguir.

Essas sugestões estão ilustradas nas figuras, 3.25, 3.26 e 3.7:

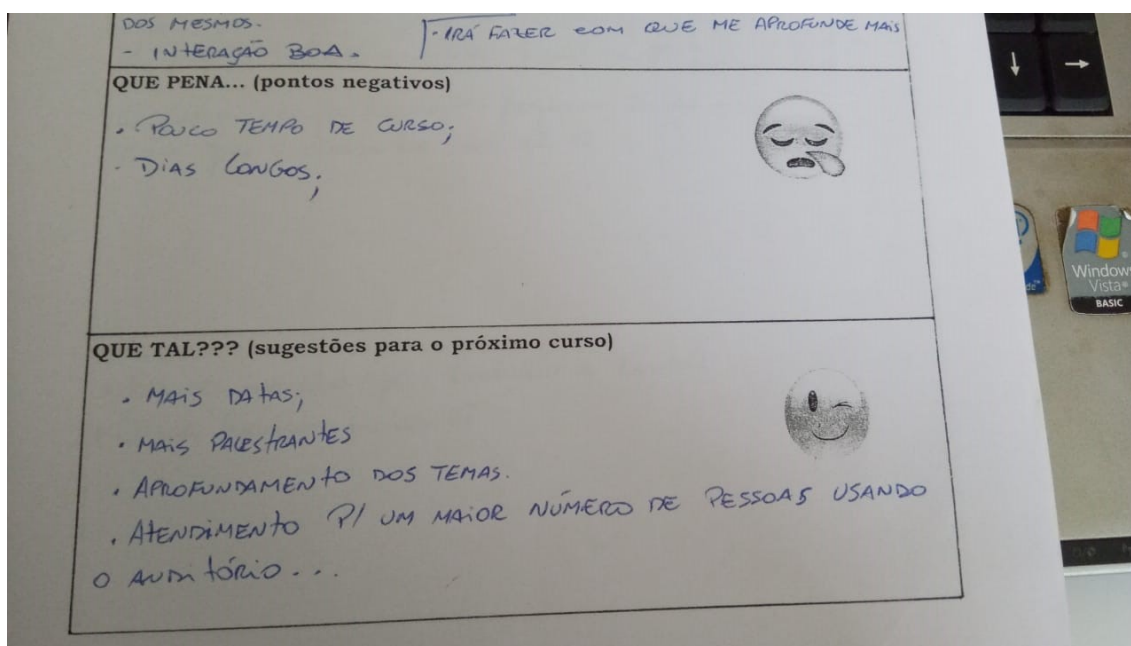


Figura 3.25: Pontos negativos e sugestões – Cursista E

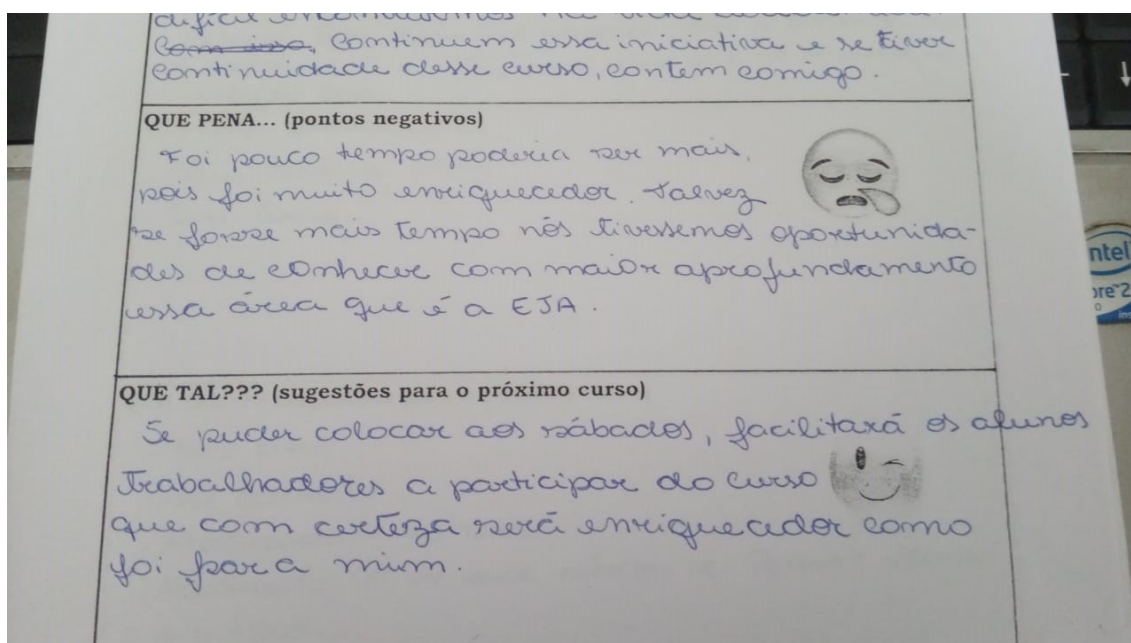


Figura 3.26: Pontos negativos e sugestões – Cursista F

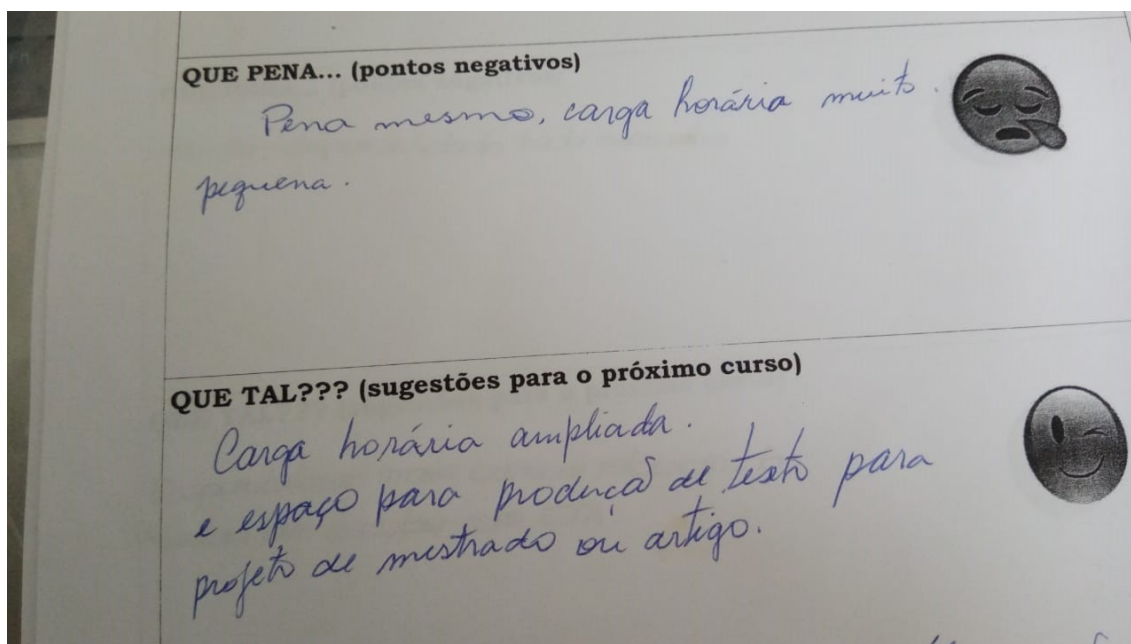


Figura 3.27: Pontos negativos e sugestões – Cursista G

Uma vez analisados os dados apresentados em resposta a pesquisa, e nas análises dos materiais fornecidos pela coordenação do curso à pesquisadora cabe aqui algumas inferências sobre o Curso de Extensão, com possíveis propostas de complementação na grade do Curso.

Antes, porém, gostaríamos de deixar registrada a importância da UERJ ter aberto as portas para essa pesquisa, pois possibilita um revisitar de sua proposta, além de atender as novas demandas advindas do indivíduo que busca uma graduação.

Destacamos ainda o entendimento de que o conhecimento não é acabado, e muito do que este sujeito precisará saber em sua vida profissional ainda está por ser descoberto.

O desafio da universidade hoje é formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos e de saber utilizá-los. Ao contrário de outrora, quando o importante era dominar o conhecimento.

O importante atualmente é que, estando diante de um problema para o qual não tenha a resposta pronta, o profissional saiba buscar o conhecimento pertinente e, quando não disponível, saiba encontrar, ele próprio, as respostas por meio de pesquisa.

Outro fato que merece destaque diz respeito ao aceite dos sujeitos das mais variadas procedências acadêmicas poderem participar do Curso de Extensão. Respeitar

o desejo de voltar a estudar, mesmo sem que o sujeito estivesse ligado à uma instituição, é demonstração de valorização do saber e de afetividade e nos impulsiona a expandir os caminhos para que outras pessoas possam participar das novas edições do curso.

Isso possibilita também um auxílio àqueles que ainda não se encontram no mercado de trabalho e que podem ser “arrebatados” de forma positiva para atuarem na modalidade EJA.

Segundo os dados apresentados na pesquisa, sobre o número de vagas ociosas na universidade públicas, cabe reforçar a necessidade de se expandir essas vagas aos que mais necessitam.

Parcerias com prefeituras e governos estaduais podem mover esse fluxo de forma positiva. É importante também se levar em consideração a educação híbrida e a distância, como ferramentas para aproximarmos os interessados em ampliar seus estudos e auxiliá-los nesse retorno.

Outro fator de extrema importância é a EJA ser ofertada como disciplina obrigatória na UERJ. Isso demonstra o diferencial que a Universidade tem em se tratando da modalidade EJA. Esse diferencial poderá servir de modelo às outras Universidades.

Um caminho a ser oferecido aos concluintes do Curso de Extensão de forma a continuarem se aprofundando nos assuntos pertinentes a modalidade, é a participação em Grupos de Pesquisa sobre a temática do curso. Desta forma seria mais viável e visível, o acompanhamento e possíveis mudanças nos fazeres e saberes dos cursistas.

A pesquisa nos possibilitou verificar a intenção dos cursistas em continuarem seus estudos sobre a alfabetização na EJA. Pudemos verificar também o desejo de continuidade nos estudos, através das atividades realizadas durante o curso e dos retornos apresentados no questionário.

As temáticas apresentadas nas três edições do curso foram bem recebidas, porém ainda há temas que merecem destaque e precisam ser vistos ou mais trabalhados.

A educação inclusiva é um desses temas. A prefeitura do Rio de Janeiro tem o Instituto Helena Antipoff, que é um estabelecimento público de ensino especializado em Educação Especial, pertencente à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da

Cidade do Rio de Janeiro, sendo considerado o Centro de Referência em Educação Especial no Brasil.

Além disso, a própria UERJ tem no DEIC pesquisas e grupos de estudos sobre a temática. Uma parceria entre a coordenação do Curso de Extensão com esses espaços seria muito positiva para o desenvolvimento dos próximos cursos.

Quanto à questão geracional, na UERJ também temos a Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI. Seu objetivo único é ser um centro de ensino, pesquisa, extensão, estudos, debates e assistência voltados para questões inerentes ao envelhecimento da nossa população, e formar recursos humanos Especialistas nas áreas de Gerontogeriatrics.

A UnATI conta com uma Coordenação de Projetos de Ensino estruturada em um Centro de Convivência para idosos que oferece cerca de 70 Cursos/Oficinas livres por ano - administrados por uma Coordenação Pedagógica, além de inúmeras atividades abertas.

Sobre a juventude, o município do Rio de Janeiro conta com a Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUVRio), criada na gestão do prefeito Eduardo Paes, em 2021, para formular e implementar políticas públicas voltadas especificamente para a população jovem da cidade. Serão mais de 1,5 milhão de cariocas atendidos pela nova pasta.

Uma parceria com a UnATI e a JUVRio auxiliaria muito nas discussões sobre as questões geracionais. Isso sem desconsiderar o acúmulo que a própria UERJ tem sobre o assunto.

Com estas reflexões conclui-se o capítulo de análise de dados, respondendo também as perguntas que motivaram esta pesquisa.

CONCLUSÕES

Ao longo da história da educação, o tema formação inicial e continuada de educadores tem se configurado como recorrente. Na EJA não é diferente, ainda mais em se tratando de uma modalidade com tantas especificidades e características bem peculiares.

Diante do pressuposto de que o conhecimento se constrói através de um processo de formação contínuo, o estudo teve por objetivo geral analisar se a formação inicial e continuada promovida pela Faculdade de Educação da UERJ, através do Curso de Extensão: A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades têm colaborado para os saberes e fazeres docentes na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Para chegar à compreensão desse processo, foi preciso verificar a trajetória histórica da EJA, conhecer seus sujeitos e sua base legal. Entendemos que, na atualidade, a modalidade vem ganhando espaço e tem sido debatida no cenário educacional.

Em acréscimo, procedeu-se à análise e reflexão da formação inicial e da formação continuada, tendo em vista o aprimoramento da prática pedagógica dos seus educadores.

Esse percurso, que partiu da revisão da literatura, foi importante e possibilitou um aprofundamento sobre o tema da pesquisa, proporcionando uma visão ampliada acerca da formação no Brasil, os seus formatos de organização, planejamento e execução.

Ressaltamos também que a prática docente na EJA deve se efetivar além da intencionalidade, requerendo uma finalidade articulada a um trabalho coerente, norteado por mudanças, imprimindo novos rumos a essa modalidade de ensino.

Cabe aqui enfatizarmos a importância de uma sólida formação docente, que garanta a apropriação do conhecimento como requisito fundamental para a constituição do trabalho docente, da construção de novas políticas que permitam e favoreçam a socialização do conhecimento. Afinal, o que se deseja é que as pessoas aprendam a aprender. Só assim o conhecimento poderá ser multiplicado e plenamente utilizado.

Desta forma comprova-se a importância da Dimensão I, que trata da formação acadêmica e do papel da universidade no processo. A importância da afetividade no processo também mereceu destaque e nos acompanha em todos os espaços onde a EJA é discutida, afinal sem ela, não ocorre a aprendizagem.

Enquanto para alguns saber ler e escrever pode ser uma condição para atender expectativas próprias, para outros há outros saberes e competências, não escolarizados, que os ajudam a relacionar-se em diferentes ambientes, bem como a sobreviver às dificuldades da vida.

Esse é um dos desafios para o educador da EJA, que necessita se debruçar sobre o assunto para melhor trabalhar com seus educandos.

No entendimento de muitos educadores, interessa materializar uma prática pedagógica eficaz, considerando a construção do conhecimento a partir do respeito pelas diferenças, bem como superando a lógica de um trabalho conteudista, uma herança cultural a ultrapassar, no atual modelo de sociedade em transformação.

Os resultados mostram também que há uma unanimidade na valorização, por parte dos educadores sobre a importância da continuidade na formação.

Outros resultados da pesquisa demonstram o quão é imprescindível considerar os significados da leitura e da escrita para a vida dos jovens e adultos.

Neste caminho se configura a Dimensão II, que trata do papel do alfabetizador, suas funções e competências.

Um fator importante a ser considerado diz respeito ao oferecimento de mais Cursos como o analisado na pesquisa. O desejo dos educadores da EJA e dos simpatizantes com a modalidade, em ampliarem suas formações merece destaque e atenção por parte das Universidades, principalmente as públicas.

A formação continuada é atualmente objeto de estudo na área de educação e, apesar dos avanços ao longo do seu percurso histórico, requer atualização constante e reflexão na ação sobre os saberes, que advêm da experiência construída e acumulada pelos educadores, ao longo da sua atividade profissional.

Na tentativa de superação desse quadro, os educadores têm consciência que deverão rever as suas concepções teóricas e procedimentos metodológicos. Terão de se apropriar de práticas significativas, considerando e incorporando as vivências e experiências dos educandos da EJA, contribuindo para que estes se vejam como pertencentes a um grupo social e têm papel fundamental na história.

Esse desejo por ampliação do conhecimento, por parte dos educadores, responde ao objetivo que versa sobre a intenção desses sujeitos continuarem os estudos sobre a alfabetização na EJA e suas intercorrências.

Outra questão importante está relacionada a prática pedagógica que passa a sofrer mudanças significativas a partir do momento que o educador conhece a

modalidade e as peculiaridades de cada educando. A começar pela necessidade de se sentirem visíveis no processo.

O grande desafio da EJA é, portanto, romper com concepções assistencialistas de educação, pondo de lado práticas pedagógicas de caráter compensatório e descontextualizado, avançando para o horizonte de uma educação emancipadora, que atenda as expectativas dos estudantes jovens e adultos.

Esses pressupostos configuram a Dimensão III, que trata da importância do Curso para os Cursistas e o contato com os dinamizadores.

Assim sendo, é fundamental que todos os envolvidos, de forma direta ou indireta neste processo, assumam os seus espaços, reconhecendo as limitações detectadas nesse estudo buscando revertê-las, investindo na qualidade da formação continuada dos professores da EJA, visto que esta modalidade de ensino tem, legalmente, um caráter próprio de prática pedagógica.

Para tanto, é necessária à compreensão de que a educação de jovens e adultos não apresenta, como objetivo, somente ensinar a ler e escrever, mas deve igualmente contribuir para a formação humana dos alunos, em qualquer idade, superando o entendimento da educação, como recompensa do tempo de escolarização interrompido, ou reparação da dívida social, para com a população menos favorecida.

Consideramos, assim, que o nosso estudo contribui para colocar em xeque a visão de que os alfabetizadores da EJA têm muitos desafios pela frente e o aprimoramento através de estudos sobre o assunto poderá fazer a diferença nas vidas de todos os envolvidos.

Mesmo admitindo que este estudo tenha alcançado o objetivo geral a que se propôs, convém considerar as suas limitações. Assim sendo, considerando futuras investigações, seria interessante também o envolvimento, na coleta dos dados, dos gestores das unidades que oferecem a modalidade e dos educandos da EJA, dos cursistas envolvidos, visto que representam uma parcela importante no contexto escolar.

O grande desafio da EJA é, portanto, romper com concepções assistencialistas de educação, acabar com as práticas pedagógicas de caráter compensatório e descontextualizado, avançando para o horizonte de uma educação emancipadora, que atenda as expectativas dos estudantes jovens e adultos.

É fundamental que todos os envolvidos, de forma direta ou indireta neste processo, assumam os seus espaços, reconhecendo as limitações detectadas nesse estudo e revertendo-as, investindo na qualidade da formação continuada dos professores da EJA, visto que esta modalidade de ensino tem, legalmente, um caráter próprio de prática pedagógica.

O papel dos dinamizadores na mudança do olhar do cursista sobre o educando, após o Curso de Extensão, fez toda a diferença, conforme observamos nos relatos apresentados anteriormente. Isso demonstra, mais uma vez, a importância da afetividade e empatia no processo de ensino aprendizagem.

Tomamos como princípio que a educação só pode efetivar-se através da mediação de práticas, a partir de um projeto histórico e social, que articule uma base mediadora na formação, dando significado à ação dos educadores.

É importante que todos os agentes educativos envolvidos na EJA entendam que a mesma é um direito de qualquer cidadão que dela necessite, a ser entendida e aplicada como uma forma de desenvolvimento humano, um processo solidário na perspectiva de um novo sentido da vida e de convivência no meio social.

Essa responsabilidade deverá ser incentivada, assumida e aprofundada, no que se refere à docência, a partir de uma formação continuada, que potencialize não apenas a qualidade dos cursos EJA, mas igualmente o desenvolvimento de educadores e educandos.

REFERÊNCIAS

Alves, R. (2000) **Conversas com quem gosta de ensinar**. 10 ed. São Paulo: Campinas. SP. Papirus.

Ana, W.P.S. e Lemos. G.C.(2018) **Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar

Mossoró, v. 4, n. 12.

<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2870/1803> (Acesso em 06/01/2021)

Armellini, N. J.; Otero, E. S.; Algayer, R. L.; Baquero, R. V. A. (Coords.).

Alfabetização de adultos: recuperando a totalidade para reconstruir a especificidade. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

_____ (2008, p. 7) et al., 1993, p. 36 apud Barbosa

Barbosa, M. L. F. F. . **Leitura e escrita na alfabetização de jovens e adultos: uma questão de autoimagem e identidade**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 28., 2005, Caxambu. Anais... Caxambu, 2005b. Disponível em: <<http://www.anped.otg./reunioes/28/textos/gt18/gt180101.rtf>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

Bardin, L. (2009). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70

Camargo, P.S.A. S (2017) **Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente** - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP – Brasil https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000401567 Acesso em 28/10/2020

Camillo, E.J (2017) **A qualidade “de dentro” na/da pesquisa qualitativa em Educação do Sul do Brasil** - Educar em Revista versão impressa ISSN 0104-4060 versão On-line ISSN 1984-0411 Educ. rev. no. 65 Curitiba jul./set. 2017 <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47999> . Acesso em 25/11/2020

Coutinho, C. (2000). **Aspectos metodológicos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal**. Braga: Universidade do Minho

Cruz, A. C. S.(2018). **EJA: A Formação Docente e seus Desafios na Preparação do Aluno para o Mundo Moderno**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 03, Vol. 01, pp 5-17,

Cury, C. R. J. (Relator) (2000). **Parecer CEB nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. CNE

Erickson, F. (1986) **Qualitative methods in research on teaching**. In M.C. Wittrock (ed). Handobook of research on teaching. New York, NY: Macmillan.

Fernandes, A.P e Lopes, P. C. (Org) (2020): **O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em roda de conversas**,R.J. Eduerj.

Freire, (2013). **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Gomez, G; Flores, J. & Jimenez, E. (1996). **Metodologia de la investigacion cualitativa**. Malaga: Ediciones Aljibe

Silva, J.M.P.A. e Villela A.M.N. (2016) **Pesquisas em Discurso Pedagógico**. PUC RJ.
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26721/26721.PDF> Acesso em 06/01/2021

Laffin, M. H. L .F. (2017) **Processos e condições de formação docente na educação de jovens e adultos**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

<https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/files/2017/12/Processos-e-Condi%C3%A7%C3%B5es-de-Forma%C3%A7%C3%A3o-Docente-na-EJA.pdf>

Acesso em 29/10/2020

Leite, S. A.S. (Org.) (2013). **Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos** - EJA . São Paulo: Cortez

Miranda, G (2007) **Limitações e possibilidades das TIC na educação**. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 03, pp. 41-50

Moll, J. (2011), **Educação de Jovens e Adultos**. 4 ed. Porto alegre. Editora Mediação

Pacheco, J. A. (2005). **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez.

Perrenoud, P. (2000). **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas

Pimenta, S. G. (org.) (2008). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez.

Plano Nacional de Educação <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> Acesso em 25/10/2020

Censo da Educação Superior – 2017 – MEC/INEP. **Divulgação dos principais resultados**http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo&Itemid=30192 Acesso em 08/02/2021

Punch, K. (1998). **Introduction to Social Research: quantitative & qualitative approaches**. London: SAGE Publications.

Resolução CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000 - <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em 25/10/2020

Relatório do 3º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2020 <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/>

[/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6974122](#) Acesso em 29/10/2020

Rufino, E.L , Do Carmo, R.R (2017) **Afetividade no contexto educacional da EJA: possibilidade para conter a evasão escolar**- Universidade Rural da Amazônia –Curso de Pedagogia / PARFOR – 2017

<http://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/400/3/AFETIVIDADE%20NO%20CONT%20EXTO%20EDUCACIONAL%20DA%20EJA%20possibilidade%20para%20conter.pdf>
Acesso em 29/10/2020

Sant Ana, W. P e Lemos, G.C (2018) **Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André** . Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar Mossoró, v. 4, n. 12. Acesso em 03/11/2020

Santos, A. C, Freitas, M.L,Q; Cavalcante, V. C (2016)- *Formação inicial e continuada do professor da EJA :Práticas e saberes gerados entre universidade-escola*

<file:///C:/Users/01500784/Downloads/25034-80281-1-PB.pdf>Acesso em 02/11/2020

Silva, J.L, (2009), **Letramento Uma prática em busca da (re)leitura do mundo**. Rio de Janeiro, Wak editora

Sérgio, M. C. (2014b). **Formação de professores e autonomia curricular na educação de jovens e adultos (EJA): desafios contemporâneos**. In A. Sales, T. Alves, & T. Melo (eds.), *Antologia: textos acadêmicos*. (Vol. II, pp. 37-51).

Soares, L. (2002) **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro. DP&A editora

Soares, L.J.G e Pedroso, A.P.F. (2016) **Formação de educadores na educação de jovens e adultos (eja): alinhando contextos e tecendo possibilidades**. Educação em Revista vol.32 no.4 Belo Horizonte Oct./Dec. Acesso em 27/10/2020

Soares, M. (2019) **A alfabetização e o letramento no Brasil, segundo Magda Soares-Revista Desafios da Educação**<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/alfabetizacao-letramento/> Acesso em 27/10/2020

Tardif, M. (2010). **Saberes docente se formação profissional**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes.

Tedesco, J. C.; Fanfani, E. T. (2004) **Nuevos maestros para nuevos estudiantes In: PREAL. Maestros en América Latina: nuevas perspectivas sobre su formación y desempeño**. Santiago: San Marino.

Tuckman, B. (2005). **Manual de Investigação em Educação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 3ª ed

Ventura, J. e Bomfim, M. I.(2015) **Formação de professores e educação de jovens e adultos: o formal e o real nas licenciaturas**.Educ. rev. [online]. 2015, vol.31, n.2, pp.211-227. ISSN 1982-6621. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000200211&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 15/11/2020

Vianna, C. P (2001) **O sexo e o gênero da docência**. <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>. Acesso em 10/02/2021

ANEXOS

1. ANEXO 1 – Questionário da pesquisa



Pesquisa – CURSO DE EXTENSÃO UERJ

Esta pesquisa visa avaliar o impacto do Curso de Extensão "A ATUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES" no processo de formação de alfabetizadores para a EJA.

Minha apresentação

Olá, sou Katia Moura, professora no ensino fundamental da rede pública municipal de do Rio de Janeiro-RJ/Brasil. Estou fazendo uma pesquisa sobre a influência do Curso de Extensão: "A ATUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES", oferecido pela Faculdade de Educação – UERJ, na prática pedagógica dos profissionais que atuam como alfabetizadores na EJA.

Venho te convidar a participar. É muito simples: basta preencher o formulário até o final.

Suas respostas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Caso você tenha interesse em conversar comigo, é só me mandar um e-mail.

Desde já, agradeço sua participação voluntária.

Katia Moura – katia.moura@rioeduca.net



* Obrigatória

Termo de consentimento

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa de mestrado em educação intitulada: O que aprende quem ensina? Uma análise do curso de extensão "A atualidade da alfabetização de jovens e adultos: desafios e possibilidades", oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, realizada por Katia Moura, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade UNEATLANTICO. Esta é uma pesquisa vinculada ao Linha de Pesquisa: Aprendizagem Colaborativa, sob a orientação da professora Dr^a Michele Borges, com foco na Aprendizagem Colaborativa na Formação de Professores.

Você foi indicado(a) por ter participado de um dos Cursos de Extensão oferecidos pela Faculdade de Educação da UERJ/Departamento da EJA, no período de 2018/2019. Sua participação não é obrigatória e esta pesquisa não implicará em gastos para você.

Sua participação consiste em responder a este questionário on-line.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, visando assegurar o sigilo de sua participação. A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos, os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos participantes.

Ao continuar a responder o questionário, você declara ter recebido as informações sobre a pesquisa e seus objetivos e consente em participar deste estudo.

Obrigada!

1. Como você se identifica em relação ao gênero? *

- Mulher
- Homem
- Outro

2. Qual versão do Curso de Extensão você participou? * 

- 1ª versão (1º semestre 2018)
- 2ª versão (2º semestre 2018)
- 3ª versão (2019)
- Não lembro

3. Qual a sua formação para docência?

- Formação de professores (Escola Normal)
- Pedagogia
- Licenciatura
- Ainda cursando a graduação/licenciatura

4. Especifique a sua formação? (Fez ensino médio básico? Se fez a formação na Escola Normal, qual foi a área? Graduação ou Licenciatura, qual a área estudada?) *

Insira sua resposta

5. Você atualmente está atuando como alfabetizador na EJA? *

Em caso positivo, após marcar, vá para a opção 8

- Sim
- Não

6. Para quem ainda não está atuando na EJA responda as perguntas 6 e 7 : * 

Supondo que você estivesse nesse momento em sala de aula, na EJA, você acha que o Curso teria te ajudado em sua prática?

Insira sua resposta

7. Marque a alternativa que mais se aproxima a sua demanda e depois siga respondendo a partir da pergunta 11

- Terminei o Curso de Extensão, mas vi que não tinha o perfil para trabalhar com essa modalidade
- Fiz o Curso de Extensão como complementação de carga horária para meu curso de graduação
- Não tive oportunidades de trabalhar na área, mas tenho vontade de atuar com a EJA
- Nenhuma das opções acima

8. Se você já atua como alfabetizador na EJA, indique a cidade em que você trabalha:

Insira sua resposta

9. Tipo de instituição em que você atua com a EJA (pode marcar mais de uma) *

- Pública municipal
- Pública estadual
- Pública federal
- Instituição sem fins lucrativos
- Instituição privada

10. Como você avalia sua prática pedagógica após o Curso de Extensão: * 

- Mudou consideravelmente
- Mudou moderadamente
- Mudou muito pouco
- Não mudou em nada

11. Analise as contribuições do Curso de Extensão para a sua prática pedagógica *

Quanto as questões práticas trabalhadas:

- Foram muito boas
- Foram boas
- Poderiam ter sido mais exploradas, dentro do tempo destinado no curso
- Poderia ter uma carga horária maior para a parte prática

12. Quanto ao tempo de duração do Curso de Extensão: *

Sobre a carga horária do Curso de Extensão:

- Atendeu as expectativas
- Foi muito longo
- Foi muito curto

13. Analise as contribuições do Curso de Extensão para a sua formação pessoal * 

Quanto as questões teóricas trabalhadas:

- Atenderam plenamente minhas expectativas
- Atenderam parcialmente as minhas expectativas
- Alguns temas poderiam ser mais aprofundados
- Não atenderam minhas expectativas

14. Quanto ao local onde o Curso de Extensão foi oferecido: *


Avalie o entorno, acesso, segurança:

Insira sua resposta

15. Sobre os professores mediadores do Curso de Extensão: *

Avalie o grupo de professores como um todo. (domínio do tema; interação com o grupo; empatia; feedback)

Insira sua resposta

16. Sobre os módulos do Curso de Extensão * 

Dentre os temas abaixo, qual (is) você sugere para uma nova versão do Curso de Extensão:

- A Educação Inclusiva e a Alfabetização na EJA
- A Alfabetização na EJA, no pós Pandemia
- O uso das TICs na Alfabetização de Jovens e Adultos
- A aprendizagem colaborativa no processo de Alfabetização de Jovens e Adultos
- A relação intergeracional no processo de Alfabetização de Jovens e Adultos
- O lugar da afetividade na Alfabetização de Jovens e Adultos
- Nenhuma das alternativas acima

17. Deixe sugestões de temas que, na sua opinião, não foram contemplados na questão 16

Insira sua resposta

18. Você tem vontade de se especializar na EJA, através de um curso de Especialização ou Mestrado? *

Sim

Não

19. Qual é a probabilidade de você recomendar esse Curso de Extensão a um colega? *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Nada provável

Extremamente provável

20. Explique a pontuação dada na questão 19: *

Insira sua resposta

Voltar

Enviar

ANEXO 2 – Formulário de avaliação final do Curso de Extensão (utilizado nas 3 edições)



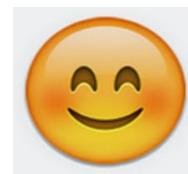
CURSO DE EXTENSÃO A ATUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES (Junho a agosto de 2018)



AVALIAÇÃO

Solicitamos sua mais profunda sinceridade ao avaliar nosso curso. A identificação é optativa. Fique à vontade para tecer comentários, críticas e sugestões. Pedimos que avalie a carga horária do curso, o local dos encontros, a dinâmica das professoras, o material trabalhado, a interação entre os participantes, a contribuição do curso para a sua formação etc.

QUE BOM!!! (pontos positivos)



QUE PENA... (pontos negativos)



QUE TAL??? (sugestões para o próximo curso)



Anexo 3: Atividades domiciliares (complementação de carga horária)

Curso 2018: 1º semestre:

1ª atividade não-presencial: Produção de um autorretrato em forma de texto (verso ou prosa);

2ª atividade não-presencial: Registro de suas memórias sobre a aprendizagem da leitura e da escrita;

3ª atividade não presencial: Vídeo: Paperman (Recontar a história do vídeo em outra esfera discursiva);

4ª atividade não-presencial: Atividade a seguir: ALFABETIZAÇÃO EM FOCO NA EJA:

ALFABETIZAÇÃO EM FOCO NA EJA
Caminhos da leitura e da escrita
Dinamizadora: Prof. Esp. Valéria Rosa Poubell (UERJ/ UNESA) – SME-RJ

CURSO DE EXTENSÃO:
A ATUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A partir das discussões suscitadas durante o nosso encontro e do aporte teórico abaixo sugerido, reflita e argumente, expondo as suas ideias acerca das questões que seguem:

Aporte teórico
Alfabetização, Letramento e Formação do Professor
Paulo Cid Lopes (SME-Rio e UERJ)
Luiz Antonio Gomes Senina (CM e UERJ)

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – ENDIPE/ XV ANAIS
Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, Belo Horizonte, 2010 (Disponível online).

A ESCRITA DOS ALUNOS DA EJA

O que espero encontrar?

O que sabemos sobre a escritas dos alunos da EJA?

O que precisamos ainda saber sobre essas escritas?

Qual relação há entre a atitude pedagógica e o ensino da leitura e da escrita ao aluno da EJA?

Curso 2018: 2º Semestre:

1º atividade não-presencial: Produção de um autorretrato em forma de texto (verso ou prosa);

2ª atividade não-presencial: Registro de suas memórias sobre a aprendizagem da leitura e da escrita;

3ª atividade não presencial: Vídeo: Paperman (Recontar a história do vídeo em outra esfera discursiva).

Curso 2019:

1º atividade não-presencial: Produção de um autorretrato em forma de texto (verso ou prosa);

2ª atividade não-presencial: Registro de suas memórias sobre a aprendizagem da leitura e da escrita;

3ª atividade não presencial: Descrever uma aprendizagem significativa que você teve na sua vida.